

VALESCA BRAGOTTO BERTANHA

**O PAPEL DO EU NO INÍCIO DA METAPSICOLOGIA
FREUDIANA**

São Carlos, 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

O PAPEL DO EU NO INÍCIO DA METAPSICOLOGIA FREUDIANA

Mestranda: VALESCA BRAGOTTO BERTANHA
Prof. Orientador: Dr. RICHARD THEISEN SIMANKE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de mestre em Filosofia no Programa de Epistemologia da Psicologia e da Psicanálise.

São Carlos, 2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B536pe

Bertanha, Valesca Bragotto.

O papel do eu no início da metapsicologia freudiana /
Valesca Bragotto Bertanha . -- São Carlos : UFSCar, 2006.
96 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2006.

1. Psicanálise. 2. Metapsicologia. 3. Freud, Sigmund,
1856-1939. 4. Tópica. 5. Psicanálise e filosofia. 6. Ego
(Psicologia). I. Título.

CDD: 150.195 (20ª)

*Dedico esta dissertação aos meus amados pais,
Cesar Augusto Bertanha e Graci Bragotto Bertanha,
a quem devo todo o amor pela vida , cuja expressão
maior é a própria luta por ela, luta essa que originou o mais
valioso produto até este momento, esta dissertação.*

Agradeço ao meu orientador, Richard Simanke, todo o conhecimento que me foi dado. Agradeço também aos professores Hélio Honda e Miguel Bairrão e às professoras Lara D'Ávila e Luciana Morilas, a leitura atenta e as enormes contribuições à este trabalho.

Agradeço também às amigas queridas Amanda e Fatinha, cuja solicitude me foi indispensável e a quem devo grande parte da força necessária à realização deste trabalho.

Finalmente agradeço ao Marcos ("Anjo"), o amor e companheirismo; às também queridas amigas e amigos, Luciana Rosa, Nadime, Elisângela, Thiago e Alexei e à minha irmãzinha Lisandra, o carinho, a amizade e companheirismo.

Resumo

Neste trabalho, busca-se definir o papel do eu no início da metapsicologia freudiana. Para tanto, desenvolve-se uma teoria fundamentada no estudo do aparelho neuropsíquico do *Projeto para uma psicologia* e no aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos*, com a finalidade de delimitar o papel do eu em ambos os aparelhos.

Na carta 52 de 1896, Freud usa pela primeira vez o termo “pré-consciente”, ao qual identifica o eu. Procurou-se, neste trabalho, as razões dessa afirmação fazendo-se uma análise do eu no aparelho neuropsíquico do *Projeto para uma psicologia*, de 1895, bem como do sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*, de 1900. A partir disso, percebeu-se que o sistema pré-consciente de 1900 guarda com relação ao eu de 1895, uma semelhança quanto a sediarem o processo secundário. Entretanto, falta ao pré-consciente do aparelho de *A interpretação dos sonhos* um agente recalculator, tal como é o papel do eu no aparelho do *Projeto para uma psicologia*.

Pode-se perceber, por outro lado, que os aparelhos compostos em ambos os textos foram criados para fundamentar eventos psíquicos diferentes, o que faz com que tenham uma configuração também diferente. A psicopatologia deve ser explicada por meio do aparelho do *Projeto para uma psicologia* e o abandono da teoria da sedução que embasa essa psicopatologia implicou mudanças no aparelho psíquico construído por Freud em 1900, em relação ao aparelho de 1895. Por meio da análise da teoria das pulsões desenvolvida nos *Três ensaios de sexualidade*, de 1905, a qual sucedeu o lugar da teoria da sedução, e da relação desta com o aparelho de 1900, pode-se também fazer uma aproximação entre o eu do *Projeto para uma psicologia* e o sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I O EU NO APARELHO NEUROPSÍQUICO DO PROJETO PARA UMA PSICOLOGIA	10
1 APRESENTAÇÃO GERAL DO APARELHO	10
1.1 O sistema ϕ e o sistema ψ	15
1.2 Estímulos interno e externo e barreiras de contato	18
1.3 O Sistema ω	21
2 O FUNCIONAMENTO DO APARELHO	27
2.1 Vivência de satisfação.....	30
2.2 A vivência de dor.....	31
2.3 O papel do eu	34
3.4 A defesa patológica	39
4 REFORMULAÇÕES DO APARELHO NEUROPSÍQUICO APÓS 1895	44
CAPÍTULO II O EU NO APARELHO PSÍQUICO DE A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS.....	48
1 INTRODUÇÃO	48
1.1 O determinismo psíquico.....	49
1.2 A virtualidade do aparelho	52
2 ESTRUTURA DO APARELHO	53
2.1 Linearidade, estímulo e excitação.....	53
2.2 As instâncias de memória.....	56
2.3 A consciência	59
3 A DINÂMICA DAS INSTÂNCIAS: CENSURA, RECALQUE, CONDENSÇÃO E DESLOCAMENTO	62
4 A EVOLUÇÃO DO APARELHO	65
4.1 Inconsciente primordial e processos primário e secundário	65
4.2 O desejo.....	69

4.3 <i>A formação do pré-consciente</i>	71
5 O EU E O APARELHO PSÍQUICO DE “A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS”	73
5.1 <i>Eu e pré-consciente</i>	75
5.2 <i>O problema do recalque em “A interpretação dos sonhos”</i>	78
CAPÍTULO III A EVOLUÇÃO DO EU NO APARELHO NEUROPSÍQUICO PARA O APARELHO PSÍQUICO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DAS PULSÕES	83
BIBLIOGRAFIA	94
1. BIBLIOGRAFIA BÁSICA ESCRITA POR SIGMUND FREUD	94
2 OBRAS CONSULTADAS	94

Introdução

Em setembro de 1895 Freud voltava, de trem, de uma conversa entusiasmada e produtiva com seu então grande amigo Fliess. Arrebatado pelo entusiasmo das idéias que trazia consigo, não esperou a chegada para transpô-las no papel. Nascia aí grande parte do rascunho que mais tarde viria a ser chamado *Projeto para uma psicologia*. Freud o redigira com a intenção de enviá-lo para Fliess, como forma de continuação do debate que haviam travado.

Os dois romperam a amizade alguns anos mais tarde. Freud fez o que pôde para destruir o manuscrito, entretanto, o texto nunca mais retornaria a suas mãos e não foi destruído. O texto chegou às mãos de Marie Bonaparte, que o publicou em 1950, após a morte de Freud em 1939 e com o consentimento da filha de Freud, Ana Freud.

A partir desse momento, surgiram basicamente duas opiniões sobre a importância desse texto (Monzani, 1989). A alguns, o documento entusiasmava meramente em função do seu valor histórico, que nada acrescentava à compreensão do restante de sua obra, a qual se mostraria original em relação ao manuscrito. Outra vertente, porém, concebe o texto como a efervescência de boa parte das idéias básicas da teoria que viria mais tarde. Há, portanto, teses que defendem uma ruptura entre o *Projeto para uma psicologia* e a *Interpretação dos sonhos* e outras que apóiam a continuidade das idéias apresentadas nesses textos, conforme o agrupamento proposto por Monzani (1989).

Este trabalho segue a idéia defendida por essa última vertente, de que o *Projeto...* (como será chamado daqui para frente o *Projeto para uma psicologia*) já trazia

latentes as idéias que foram desenvolvidas posteriormente nas obras publicadas por Freud, como *A interpretação dos sonhos*.

A interpretação dos sonhos é vista por muitos como a inauguração do discurso propriamente freudiano, porque apresenta um objeto independente – o inconsciente psicológico. Devido à natureza desse objeto, o texto de *A interpretação dos sonhos* traria um discurso essencialmente psicológico, o que inviabilizaria um diálogo entre as duas tópicas, a tal ponto que autores como Garcia-Roza (1991), por exemplo, chegam a se surpreender com a descoberta de que o autor de *A interpretação dos sonhos* tenha um dia escrito um projeto de uma psicologia entendida como ciência natural.

Entretanto, como demonstrou Monzani (1989), quando se faz uma leitura mais atenta de ambos os textos, percebe-se que não há uma diferença quanto ao estatuto ontológico que sustenta ambas as tópicas, ou seja, “o recurso à linguagem psicológica não significou uma opção sobre a natureza do inconsciente”, como bem definiu Monzani (1989, p. 138).

Esse é um dos motivos pelos quais muitos defendem a tese da continuidade entre os textos, posição adotada neste trabalho. Uma prova de que há um aproveitamento posterior das teses elaboradas em 1895 é a proximidade existente entre os conceitos de “eu” do *Projeto...* e de “pré-consciente” de *A interpretação dos sonhos*. Em *A interpretação dos sonhos*, é lugar comum dizer que o eu está ausente do aparelho (p. ex. Arlow & Brenner). Entretanto, quando se lê o *Projeto...*, é possível fundamentar uma outra interpretação da leitura que se faz normalmente dos componentes do aparelho de *A interpretação dos sonhos*.

Assim, as propostas deste texto são estudar o eu do *Projeto...*, o pré-consciente de *A interpretação dos sonhos* e, a partir dos conceitos delimitados em uma e

em outra obra, estudar a evolução do conceito entre um texto e outro. Essa aproximação feita entre os dois conceitos torna-se importante quando se percebe que um dos maiores problemas do aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* gira em torno de questões relacionadas ao eu.

A hipótese que guia o trabalho é a de que muito de *A interpretação dos sonhos* já está no *Projeto...*: o sistema pré-consciente, por exemplo. Existem muitos aspectos do eu do *Projeto...* que parecem se repetir no sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*; ou seja, um eu pode ser parcialmente identificado no sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*, se for feita uma leitura mais atenta de ambos os conceitos.

Sendo assim, o papel do eu no aparelho neuropsíquico do *Projeto...* será tema do primeiro capítulo deste trabalho, enquanto que o sistema pré-consciente e sua relação com o eu do *Projeto...* será assunto do segundo capítulo. Como conclusão da pesquisa, há um terceiro capítulo, no qual será proposta uma possível evolução de um conceito para o outro, tendo como base o abandono da teoria da sedução e a criação da primeira dualidade pulsional freudiana, visando sempre a um maior entendimento de ambos os conceitos – de eu e sistema pré-consciente – na dinâmica da tópica em que estão inseridos.

CAPÍTULO I

O eu no aparelho neuropsíquico do Projeto para uma psicologia

1 Apresentação geral do aparelho

Freud era médico e desenvolveu pesquisas sobre neurologia no início de sua carreira. Entretanto, pouco tempo depois, movido por dificuldades financeiras, Freud foi obrigado a abandonar as pesquisas nessa área e trabalhar no âmbito clínico. Com a experiência que adquiriu no tratamento de psicopatologias, em especial a histeria, o Freud neurólogo adquirira, agora, prática clínica e, com ela, passou a construir hipóteses e teorias sobre eventos mentais.

No texto do *Projeto...*, Freud constrói uma psicologia segundo os critérios da ciência naturalista. Segundo E. Jones (1989, p. 291), Freud teria endossado a concepção do grande antropólogo Tylor, segundo o qual “a história da humanidade é parte e parcela da história da Natureza, nossos pensamentos, vontades e ações seguem leis tão definidas quanto as que governam o movimento das ondas”. Nesse sentido, Freud procura oferecer uma explicação dos processos psíquicos, tendo como base pressupostos retirados da física e da fisiologia.

O texto do *Projeto...* é um dos mais significativos desse período inicial da carreira de Freud. Nele percebe-se a construção de teorias psicológicas fundadas nos alicerces de teses de neurologia. Há uma busca pela explicação tanto de eventos normais quanto patológicos, o que culmina com a construção de uma tópica. Na teoria elaborada, os

neurônios estão organizados em grupos, mas a distribuição desses grupos não obedece a critérios anatômicos, e sim à ordem dos processos mentais.

Trata-se de um aparelho neuronal em sua estrutura, mas psíquico em função dos eventos que procura esclarecer; portanto, trata-se de um aparelho neuropsíquico, que poderia ser representado pelo seguinte esquema, montado por Simanke [esquema montado para as aulas do curso de pós-graduação em Filosofia da UFSCar, em 2000]:

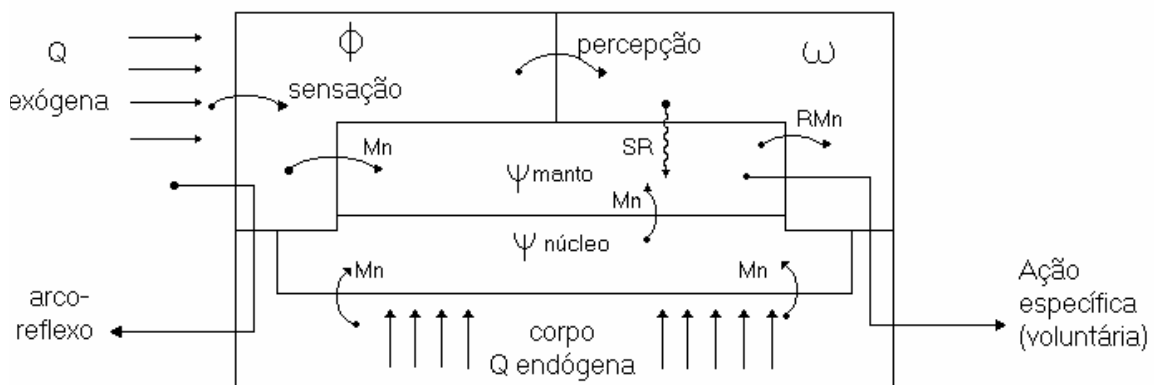


Figura 1: Representação da organização do aparelho neuropsíquico

Onde:

Pcp: percepção

Mm: memória

RMn: rememoração

SR: sinal de realidade

Esse esquema será retomado no decorrer deste capítulo, como forma de explicar o papel do eu no funcionamento do aparelho psíquico.

Tendo como base os critérios da ciência naturalista, os processos psíquicos são explicados a partir de sua gênese e, nesse sentido, tomam-se, como ponto de partida, dois postulados principais – a saber, a quantidade e o neurônio – a partir dos quais se procura deduzir todo o funcionamento mental.

A quantidade, ou simplesmente “Q”, foi um conceito abstraído a partir de observações clínicas. Segundo E. Jones (1989), Freud também teria tido influência de Breuer, Meynert e Exner para compor a idéia de tal conceito. Quantidade a é o que excita os neurônios e faz com que funcionem, ou seja, quantidade é o que estimula o funcionamento dos neurônios. Portanto, existe uma relação íntima entre quantidade e excitação nervosa.

A excitação nervosa exacerbada pôde ser vislumbrada na clínica psicanalítica, na qual as idéias intensas dos neuróticos mostravam, com mais evidência, o fator quantitativo dos processos mentais. Nesses processos patológicos, eram mais evidentes mecanismos como substituição, conversão e eliminação, que, por sua vez, deram origem à concepção de excitação nervosa como algo quantitativo em fluxo, chamado por Freud simplesmente de “quantidade” ou “Q”, ou por vezes, “Q η ”¹. Em termos físicos, pode-se dizer que a quantidade é a diferença entre repouso e movimento no aparelho neuropsíquico, ou seja, é a instabilidade provocada pelos estímulos de origem externa e pelas excitações de origem interna. Freud não deixa claro qual seria a natureza da quantidade, mas diz que se trata de algo que se comporta analogamente à energia elétrica.

Diferentemente do que ocorreu com o conceito de quantidade, que surgiu a partir de constatações retiradas da clínica, o conhecimento de Freud sobre os neurônios é proveniente das hipóteses histológicas desenvolvidas em sua época, como as de Ramon y Cajal, Waldeyer ou Galgi. A hipótese tomada por ele é de que o sistema nervoso é

¹ “A utilização, por parte de Freud, de Q e Q η ’ não é sempre consistente. A letra em grego pode indicar o artigo definido a. Assim, Q seria usada em geral para indicar quantidade de origem externa e Q η ’ a quantidade de origem interna.” (GABBI Jr., 2003, p. 24).

constituído por unidades discretas e funcionalmente idênticas no início da evolução do aparelho, os neurônios, cuja união é mediada por tecido não-neuronal, que funciona como barreira contra a passagem de quantidade. As barreiras de contato existentes entre os neurônios teriam a função de dificultar a passagem livre de quantidade. Esta, por sua vez, ao vencer as barreiras, deixaria atrás de si um rastro, ou seja, uma trilha aberta, a que Freud chamou de facilitação.

Assim, neurônios são partículas materiais discretas e excitáveis e quantidade é o seu agente excitador. Uma vez estabelecidos esses conceitos, deve-se tratar, agora, do funcionamento do aparelho neuropsíquico, que se baseia no princípio da inércia,

O primeiro esboço feito por Freud do aparelho neuropsíquico do *Projeto...* refere-se a um aparelho sem vida, cujo funcionamento é regido exclusivamente pelo princípio da inércia neuronal, que afirma que toda energia – proveniente de estímulos exógenos somente, já que se trata de um aparelho desencarnado – introduzida no aparelho deve ser descarregada livremente. Esse princípio estabelece a tendência a descarregar toda excitação recebida, de modo a retornar ao estado anterior à excitação. Sendo assim, ou seja, na medida em que não retém nenhum tipo de energia, trata-se de um aparelho sem vida, puramente mecânico.

O princípio da inércia neuronal tem como modelo o arco-reflexo, que traz a idéia de uma resposta imediata frente a um estímulo. Assim, segundo esse modelo, quando uma excitação perturba o aparelho, ela tende a ser imediatamente descarregada, com o objetivo de retornar ao estado anterior. A idéia de inércia, derivada da física, é

adotada por Freud, nesse texto, por melhor ilustrar não apenas a arquitetura, o desenvolvimento e as atuações² do neurônio.

É o princípio da inércia n[ervosa]; [dita] que [o] n[eurônio] aspira a libertar-se de Q. Cabe compreender-se, segundo ele, arquitetura e desenvolvimento, assim, como desempenhos [dos neurônios]. (Freud *apud* GABBI Jr, 2003, p. 176)

Os neurônios possuem, segundo Freud, uma arquitetura bipartida, ou seja, possuem duas extremidades sensíveis, o que garante a tendência à inércia, à medida que favorece uma determinada direção de condução: eles recebem a excitação pelos prolongamentos celulares e a descarregam por meio dos cilindros do eixo (axônios).

Essa mesma estrutura se repete na conformação do sistema nervoso: de um lado, na percepção, o organismo recebe excitações, que por sua vez, geram um desequilíbrio e uma tendência à eliminação, a qual se dá na outra extremidade do aparelho. Essa estrutura determina também a função do aparelho como um todo, qual seja, a de descarregar a quantidade.

Tornando o modelo realista, ou seja, considerando o fato de que o aparelho pertence a um ser vivo, deve-se levar em conta mais um elemento: a excitação vinda do interior do corpo, a qual se revela como uma outra fonte de quantidade, além do estímulo externo. Essa constatação tem como consequência o abrandamento do princípio da inércia, na medida em que ela implica na existência de uma cota mínima de quantidade que

² Do alemão *Leistung*, traduzido por Gabbi Jr. (2003) como desempenho. Preferiu-se, neste trecho optar pela tradução “atuação” para reforçar a idéia de que se trata “das performances” do neurônio.

deve estar sempre presente no aparelho, devido ao fato de ele estar inserido em um corpo vivo.

Há uma transformação do princípio da inércia em uma tendência de o aparelho manter a quantidade em seu menor nível possível, próximo a uma constante, de forma a descarregar toda a excitação excedente. Esse aumento da quantidade acima do nível da constância provocaria desprazer e uma tendência à eliminação. Essa tendência à eliminação de uma quantidade que provoca desprazer é a expressão do “princípio do desprazer”, que passa a reger o funcionamento mental e que é, em última instância, um derivado do princípio da inércia.

A idéia de constância existe, na obra de Freud, desde as formulações teóricas feitas em parceria com Breuer, entre os anos de 1892 a 1895. Porém, é só em 1920, em *Além do princípio do prazer*, que Freud usa explicitamente o termo “princípio de constância”.

Sendo assim, a diferenciação entre inércia e constância é dada pelas duas fontes de estímulo do aparelho: da estimulação externa deriva o princípio de inércia, enquanto que da interna, o da constância. Com base nessa diferenciação, é possível estabelecer também a diferença entre dois grupos de neurônios: os sistemas ϕ e ψ .

1.1 O sistema ϕ e o sistema ψ

Existem, portanto, duas fontes de estimulação do aparelho: a quantidade externa e a quantidade interna. A primeira atinge o aparelho pelo sistema ϕ , enquanto que a segunda, pelo sistema ψ .

O sistema ϕ seria aquele grupo de neurônios a que chegam os estímulos externos, o sistema ψ conteria os neurônios receptores das excitações endógenas. (Freud *apud* GABBI Jr., 2003, p. 182)

Esses sistemas são grupos compostos por neurônios, idênticos inicialmente, que se diferenciaram em funções particulares, conforme a origem da quantidade que os atinge. Dessa forma, a estrutura do aparelho neuropsíquico é explicada com base na interação entre os neurônios e as diferentes origens da quantidade.

A diferenciação dos grupos de neurônios em função da origem das quantidades é decorrente do fato de que elas possuem frequência e magnitude diferentes e essas características determinam o grau de facilitação das barreiras de contato. Essa parcela de resistência anulada é proporcional à magnitude da excitação, bem como ao número de vezes que um mesmo caminho é percorrido.

As quantidades provenientes dos estímulos do mundo externo são de magnitude tão grande capaz de anular completamente as barreiras de contato dos neurônios que atingem. Com suas barreiras de contato anuladas, esses neurônios são completamente permeáveis. É justamente essa característica que os torna adequados à representação da percepção no aparelho, pois tal percepção deve ser capaz de receber os estímulos que chegam e, ainda assim, permanecer intacta, de forma a não distorcer os estímulos posteriores. Esse grupo de neurônios responsável pela percepção Freud nomeou “sistema ϕ ”.

É importante ressaltar que Freud divide a percepção em dois processos distintos. Seu intuito é diferenciar a simples recepção das ondas físicas dos objetos do

mundo externo – função atribuída ao sistema percepção –, das sensações perceptivas propriamente ditas, que seriam algo mais complexo, pois trataria-se de um processo no qual a consciência estaria envolvida, como se verá mais adiante.

Após o sistema ϕ , há um outro grupo de neurônios cujas barreiras de contato permanecem, em parte, ainda intactas. Sendo, portanto, impermeáveis, esses neurônios têm a capacidade de formar caminhos mais facilitados em relação a outros, à medida que montantes de quantidade ultrapassem suas barreiras de contato. Dado que a memória nada mais significa senão a predileção por um caminho mais facilitado, pode-se dizer que esse grupo de neurônios é aquele responsável pelos processos mnemônicos do aparelho. Freud denominou esse grupo de neurônios “sistema ψ ”.

Há, por conseguinte, neurônios permeáveis (que não opõem resistência e que nada retêm) servindo à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e embargantes de $Q\eta'$), os portadores da memória e assim, provavelmente, dos processos psíquicos em geral. Daqui por diante chamarei o primeiro sistema de neurônios de ϕ e o último de ψ . (Freud *apud* Gabbi Jr., 2003, p.179)

Pode-se dizer que a memória possui características opostas às atribuídas à percepção. Enquanto que esta serve ao princípio de inércia neuronal, ao permitir que a quantidade recebida tenha livre descarga, aquela, a memória, possui a capacidade de permanecer alterada após a passagem de quantidade. Isto permite a esse grupo de neurônios formar caminhos com facilitações diferenciadas e assim conter um certo montante de quantidade, fazendo desse sistema o responsável pela constância no aparelho.

A quantidade externa estimula o aparelho por via do sistema ϕ e posteriormente atinge o sistema ψ . Nele, o número de neurônios se multiplica e a

quantidade oriunda do sistema ϕ é novamente fracionada. Devido ao seu enfraquecimento, ela é, na maior parte das vezes, incapaz de desfazer as barreiras de contato; aí residiria um dos motivos de as barreiras de contato se manterem intactas em ψ , na maior parte das vezes.

Por outro lado, apesar de os neurônios do sistema ψ manterem contato direto com o corpo, do qual também recebem quantidade, essa quantidade possui características diferentes daquela proveniente do estímulo externo. Elas são, ao contrário destas, constantes e de baixa intensidade, o que faz com que poucas barreiras de contato sejam facilitadas também pela via da estimulação interna. Apesar disso, esses neurônios ainda permanecem impermeáveis, já que a excitação de origem interna possui uma magnitude muito menor em relação ao estímulo de origem externa e, conseqüentemente, é capaz de romper um número muito menor de barreiras de contato.

Essa seria a razão, segundo Freud, da diferença entre os neurônios do sistema ψ e do sistema ϕ . Ou seja, esses dois sistemas possuiriam características e função diferentes, não decorrentes de fatores constitucionais, mas sim da posição que ocupam em relação aos estímulos externos e internos. Freud reforça essa idéia afirmando que “a diferença de essência é substituída por uma de destino e de localização.” (*apud* GABBI JR., 2003, p. 185).

1.2 Estímulos interno e externo e barreiras de contato

A origem do estímulo determina certas características da quantidade que gera no aparelho, como foi dito acima – o estímulo externo gera quantidades grandes e

abruptas, enquanto que o estímulo interno gera quantidades menores e constantes. Por apresentar características distintas, essas quantidades também possuem formas diferentes de eliminação. A forma como se dá a descarga de quantidade proveniente de estímulo interno depende diretamente das barreiras de contato, como será visto a seguir.

A quantidade externa pode ser facilmente eliminada pela via reflexa, processo no qual a quantidade despendida na ação de eliminação da quantidade é igual à quantidade gerada pelo estímulo. Sendo assim, a equação quantidade gerada *versus* quantidade despendida apresenta-se balanceada, e nenhuma quantidade excedente, derivada do estímulo externo, resta no aparelho.

Algo muito diferente ocorre quando a excitação é originada no interior do corpo. Nesse caso, a cessação do desprazer não pode ser efetuada por meio da ação reflexa, já que o estímulo que gera desprazer não advém do mundo externo. Portanto, para que a excitação interior cesse, faz-se necessária uma ação específica que modifique o mundo externo de forma a proporcionar ao organismo aquilo que faria cessar o desprazer.

Diferentemente do estímulo externo, que possui uma magnitude maior e excita o aparelho de uma forma descontínua e abrupta³, a excitação interna é contínua e de menor intensidade, portanto, não possui, em princípio, energia suficiente para realizar a ação que interromperia o desprazer. Dessa forma, é necessário um acúmulo de energia para que a quantidade atinja um nível de excitação proporcional ao gasto despendido na ação específica.

³ Freud justifica essa afirmação da seguinte forma: “não há dúvida de que o mundo externo é a origem de todas as grandes quantidades de energia, pois ele, de acordo com o nosso conhecimento de física, consiste em massas poderosas em movimento violento e que propagam o seu movimento” (*apud* Gabbi, 2003, p.183).

Essa necessidade de um acúmulo de energia, a qual se opõe à idéia de quantidade em livre fluxo, é possível de ser pensada com a idéia de barreira de contato entre os neurônios. A idéia de barreiras de contato é conveniente por permitir que se expliquem vários fenômenos mentais sem modificar os dois postulados principais da teoria (o neurônio e a quantidade): ela permitiria pensar o acúmulo de quantidade interna necessário à ação específica, na medida em que se opõe à eliminação direta, ao mesmo tempo em que viabilizaria a retenção de certa quota de quantidade, prefigurada pelo princípio de constância.

Além do mais, é através delas que também é possível pensar na formação da memória, já que é através da concepção de que existem vias mais facilitadas, vias menos facilitadas ou mesmo vias em que as barreiras estão ainda intactas, que se pode pensar em uma diferenciação entre os caminhos neuronais e conseqüentemente em uma tendência da quantidade a seguir uma direção em detrimento de outra.

A memória cumpre papel central na teoria freudiana e é de extrema importância para a ação específica à medida que esta depende de representações sobre ações, objetos, etc., para realizar-se. A forma como a memória é construída de fato na experiência será melhor trabalhada juntamente quando se tratará das vivências fundamentais (de dor e de satisfação).

Até este momento, foi feita uma apresentação geral da estrutura do aparelho neuropsíquico, com base nos pressupostos fundamentais de quantidade, neurônio e barreira de contato, a partir dos quais se deduziu a existência de dois grupos neuronais, ϕ e ψ . Agora, faz-se necessário introduzir um terceiro grupo de neurônios, o sistema ω que se refere à da qualidade.

1.3 O Sistema ω

Em um dado momento do *Projeto...* (seção 7), Freud parece interromper o discurso que até então girava em torno de quantidades e da relação destas com os neurônios, para introduzir um novo elemento na dinâmica dos processos mentais: a qualidade.

Freud justifica a inclusão da consciência na trama metapsicológica pelo fato de estar inquestionavelmente presente na vida mental e de não ser razoável que se deixe de abordá-la em um projeto sobre o funcionamento geral da mente. A hipótese de Freud sobre a consciência não é decorrente de suas concepções neurológicas, mas da necessidade de incluir um fato mental de suma importância.

(...) toda teoria psicológica, além das realizações decorrentes do lado científico e naturalista, tem de satisfazer ainda uma grande exigência. Ela nos deve explicar aquilo que conhecemos de forma enigmática por intermédio de nossa “consciência”, e dado que esta consciência nada sabe das suposições feitas até aqui – quantid[ades] e neurônios -, ela também nos deve explicar este não saber. (Freud *apud* GABBI Jr, 2003, p. 186)

Em nota explicativa a este trecho de Freud, Gabbi Jr. (*op. cit.*, p.42) elucida o raciocínio de Freud acerca da consciência, explicando que “assim como a consciência nada sabe de forma imediata sobre as relações regendo os fenômenos físicos, ela também ignora as relações governando as manifestações psíquicas.”

Apesar de não ser derivada de concepções mecanicistas, tampouco a consciência seria, para Freud, um mero apêndice dos processos neurológicos, como querem

as concepções epifenomenais da consciência. Ela exerce, nessa teoria, um papel regulador dos próprios processos neurológicos, como ficará esclarecido mais adiante. À medida que, por meio da consciência, não é adquirido conhecimento sobre os processos neuronais, diz Freud, cabe inferir que estes são inconscientes e a consciência, a seu turno, é a parte subjetiva de alguns dos processos neuronais. Dado que a consciência é o “órgão” que produz qualidades – as sensações perceptivas e as sensações de prazer e desprazer –, restava a Freud localizar no aparelho o lugar de origem da qualidade.

Esse lugar não pode ser identificado no mundo externo – apesar de a sensação perceptiva ser derivada dele – pois, segundo a concepção naturalista de Freud, o mundo externo seria composto somente por massas em movimento, as quais são desprovidas de qualidade. A qualidade, por outro lado, só poderia ser produzida no cérebro. Portanto, a origem da qualidade deve ser buscada dentro do aparelho, talvez no sistema ϕ , à medida que este é o lugar da percepção no aparelho, de onde derivam as sensações perceptivas, um dos tipos de qualidade.

Apesar de concordar que a apreensão do mundo físico tem uma relação direta com a produção de qualidade, Freud reluta em identificar o sistema ϕ como sede da consciência, que, segundo ele, estaria em “níveis mais elevados do sistema nervoso” (Freud *apud* GABBI Jr, 2003, p. 187). Ou seja, a consciência compreende uma gama de fenômenos mais complexos que a simples apreensão de ondas físicas provenientes do mundo externo. Como bem constata Jones (1989) Freud compartilhava a concepção do mundo físico da maioria dos cientistas de sua época, que, como Meynert, “substituíra o *Ding an sich* de Kant pela noção de Força” e, sendo assim, o mundo físico só poderia nos oferecer quantidades.

A consciência, por outro lado, também não poderia provir do sistema ψ , já que esse sistema executa, com exclusividade, um processo psíquico desprovido de qualidade: o reproduzir ou recordar.

À medida que os fenômenos conscientes não podem ser produzidos em nenhuma das instâncias já construídas – ϕ e ψ – e tampouco provêm do mundo externo, Freud cria, nesse momento, uma nova instância que comportaria exclusivamente os fenômenos conscientes. Essa instância é chamada por Freud de sistema ω e, segundo Gabbi Jr. (2003), recebeu esse nome porque a letra ω do alfabeto grego possui uma semelhança com a letra W gótica que, por sua vez, é a inicial da palavra *Wahrnehmung*, cujo sentido – percepção – mantém uma relação estreita com o sistema ω .

Freud apresenta seu sistema ω da seguinte forma:

Então é preciso ter a coragem de supor que haveria um terceiro sistema neurônico, poderíamos chamar de ω , (...), e cujos estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam as sensações conscientes. (Freud *apud* GABBI Jr., 2003, p. 187/8).

O sistema ω é um produtor de qualidades e estas, segundo Freud, só emergem quando a quantidade está no limiar de uma interrupção. Sendo assim, o sistema ω só poderia trabalhar com um mínimo de quantidade. Seguindo a lógica da arquitetura do aparelho neuronal – a qual determina que quanto mais afastado das grandes fontes externas de estimulação, menor a quantidade de quantidade operada no sistema – o sistema ω só poderia estar situado além do sistema ψ :

Os aparelhos de terminações nervosas eram uma proteção para que se efetivassem apenas frações de quantidade externa em ϕ (...). O sistema ψ , que já estava protegido contra ordens maiores de quantidade, teve de lidar com grandezas intercelulares. Cabe conjecturar em continuação que o sistema ω seja movido por quantidades ainda menores. (*id.*, *ibid.*).

Se o sistema ω trabalha com pouca quantidade, então ele deveria possuir um alto nível de impermeabilidade, de modo que as barreiras de contato que o compõem permaneceriam intactas em sua maior parte, mas não totalmente. Sendo assim, ele deveria ser um sistema de memória à medida que possui alguns caminhos mais facilitados que outros e, não um sistema de percepção, cuja condição básica é ser totalmente permeável para que seja capaz de assimilar o devir das percepções conscientes. Nesse momento, parece não ser possível conciliar os vários aspectos desse sistema, entretanto, Freud encontra uma saída para esse impasse. Na tentativa de solucionar essa questão, ele atribui ao sistema ω uma capacidade peculiar: a de ser sensível, não à transferência de quantidade de um neurônio para outro – tal como ocorre em ϕ e ψ – mas, à característica temporal desse curso excitatório, a qual Freud chamou resumidamente de “período”.

Os neurônios ω são incapazes de receber $Q\eta'$ e, em compensação, apropriam-se do período de excitação, e este seu estado de afeção pelo período, desde um mínimo de preenchimento de $Q\eta'$, é o fundamento da consciência. (*op.cit.*, p. 189)

O período é dado pela frequência, pelo ritmo do movimento neuronal. Dessa forma, sua propagação seria, diferentemente da propagação da quantidade, semelhante a um movimento ondulatório, que não deixa marcas permanentes na matéria pela qual passa.

A qualidade – um de seus tipos somente, como veremos a seguir – seria produzida na consciência como consequência das diferenças de período e não da passagem da quantidade. Essas diferenças de período não poderiam ser produzidas em ψ , pois a quantidade recebida por esse sistema é constante e regular e, nesse sentido, o período seria monótono e incapaz de produzir algum efeito em ω . Sendo assim, só poderiam ser provenientes de ϕ , devido ao fato de esse sistema ser o único capaz de transmitir diferenças de período do movimento neurônico.

Dessa forma, a consciência perceptiva se forma quando o estímulo atinge os órgãos dos sentidos, que, por sua vez, funcionam como crivos que permitem somente a passagem de estímulos provenientes de processos com determinado período. Pode-se conjecturar que Freud tinha em mente as diferentes frequências das ondas de som e luz, por exemplo, que os humanos são capazes de apreender, já que os humanos não são capazes de apreender ondas de qualquer frequência. Após essa seleção, o período é transmitido para ϕ , logo deste para ψ e somente então, para ω , onde é transformado em sensações conscientes de qualidade perceptiva. Esse processo de propagação não provoca modificações fisiológicas e, à medida que se opõe à memória, não é nem duradouro e nem reproduzível.

Entretanto, dado que o período é derivado de excitações externas, ele é capaz de produzir somente um dos tipos de qualidade: as sensações perceptivas. Considerando esse fato, cabe questionar o que determinaria as sensações de prazer e de desprazer, as quais derivam do interior do corpo.

Diferentemente das qualidades perceptivas, essas sensações referem-se a processos advindos do interior do aparelho, processados no sistema ψ , que pode ser identificado como a via de acesso à excitação do sistema ω . Como o sistema ω encontra-se

ao lado do sistema ψ , o aumento da quantidade em ψ , para além dos limites estabelecidos pela constância, provocaria em ω a sensação de desprazer; e, inversamente, o rebaixamento da quantidade em ψ , implicaria na sensação consciente de prazer em ω . Já o nível intermediário de excitação (quantidade em ψ) seria, por outro lado, um nível ótimo para a formação de qualidades sensoriais. Portanto, o aparelho tem uma tendência a evitar o aumento de quantidade por meio da fuga de estímulos ou da descarga de tensão, para que a quantidade se mantenha constante.

Por meio da análise dessa classe de sensações, percebe-se que o funcionamento da consciência não se restringe a uma mera apreensão de qualidades – seu papel dentro do funcionamento mental mostra-se mais ativo: se o aparelho possui uma tendência a evitar desprazer e este, por sua vez, é apreendido somente na consciência, pode-se inferir que a consciência está diretamente envolvida nos processos reguladores do aparelho e não pode ser reduzida a um simples epifenômeno.

Entretanto, com a introdução da quantidade em ω , ressurgiu o problema da permeabilidade nesse sistema – que deve ser absoluta para receber o fluxo constante de sensações – mas, é impossível de ser pensada porque a quantidade que opera em ω é baixa. Como já foi dito, Freud parece solucionar essa questão ao dizer que ω é sensível somente ao período. Por outro lado, se ω também recebe uma quota de quantidade, então em ω poderia existir memória, teoricamente: conforme a quantidade passa pelo sistema, forma caminhos diferenciados. Novamente parece não haver solução para o impasse. Freud tratará do assunto na Carta 39, que não será objeto do presente trabalho.⁴

⁴ Na carta 39 a Fliess, de janeiro de 1896, Freud repensa a estrutura do aparelho, principalmente em função dos problemas decorrentes do modo como construiu sua consciência no *Projeto...* É problemática a idéia de um sistema de neurônios diferenciados para a consciência. Como já foi dito, se a consciência deve

Dada a estrutura do aparelho – sistemas ϕ , ψ e ω – pode-se agora visualizar seu funcionamento.

2 O funcionamento do aparelho

As excitações internas e os estímulos externos perturbam e desequilibram o aparelho e o impelem a um trabalho que sempre objetiva diminuir a quantidade presente no sistema até o limiar da constância. Os órgãos dos sentidos, presentes na extremidade do sistema ϕ , responsáveis pela recepção dos estímulos, atuam como uma barreira protetora contra o impacto de grandes quantidades, além de funcionarem como crivos que selecionam estímulos com determinada característica qualitativa, ou seja, com determinado período.

trabalhar com pouca quantidade, é perfeitamente possível haver memória no mesmo sistema em que é produzida a consciência. Nesse sentido, ela pode estar contida em outro sistema, como o sistema ψ , por exemplo. Nada impede que nesse sistema se produza qualidade no momento em que a quantidade operante é baixa. Além disso, o sistema ω não possui sustentação anatômica: ϕ corresponderia aos neurônios do tronco e da medula e ψ , ao córtex. Nada leva a crer que a consciência possua uma correspondência em alguma região do cérebro. Provavelmente por esses motivos, Freud repensa a estrutura do aparelho na carta para Fliess de janeiro de 1896. O sistema ω é suprimido como uma entidade discreta e suas funções são situadas no sistema ψ . O sistema ω passa a ser uma parte de ψ , uma diferenciação deste, uma característica de alguns de seus neurônios: *Os neurônios ω são aqueles neurônios ψ suscetíveis de um investimento quantitativo muito pequeno.* (Freud, 1896, pág. 437). O fenômeno consciente se daria no momento em que as pequenas quantidades presentes em ψ e provenientes do corpo coincidissem com o aspecto qualitativo proveniente dos órgãos terminais de ϕ . Aqui, os neurônios ω estão diretamente ligados a ϕ , de onde recebem qualidade. Os neurônios ψ , estão situados além de ω , e não recebem deste nem qualidade nem quantidade, são por eles apenas excitados. A quantidade proviria exclusivamente do interior do corpo. A relação entre ω e ϕ é a de regulação dos processos, ou seja, ω , a partir das sensações de prazer e de desprazer, incita ψ a ligar a energia em determinados caminhos. Ao situar ω entre ϕ e ψ , Freud aproxima a consciência do sistema perceptivo, provavelmente com o intuito de adequar o aparelho neuronal à lógica da experiência, na qual se tem uma consciência imediata da percepção. Freud retrocede nesse ponto em 1900, quando situa a percepção e a consciência em pólos opostos do aparelho psíquico. Entretanto, ele explicita no texto que esses elementos possuem uma relação muito mais próxima do que se pode pensar a partir da constituição do aparelho.

A quantidade derivada do estímulo que atinge ϕ é descarregada pela via motora: o corpo também estaria diretamente ligado a ϕ , não como fonte de estímulo – tal como para ψ – mas, como via de descarga de excitação. As quantidades agem diretamente nos músculos, glândulas, etc., num processo de “liberação”, diferentemente do que ocorre entre os neurônios, nos quais se observa um processo de “transferência” de quantidade.

Ao lado do sistema ϕ encontra-se o sistema ψ e, também, a excitação, que primeiro atinge ϕ e então, chega até ψ . Entretanto, o processo de transferência entre esses dois sistemas não se dá de forma linear, mas sim de forma ramificada. Uma parcela da quantidade que flui em ψ provém do interior do corpo. A parte de ψ que recebe essa quantidade mantém-se sempre ocupada e é chamada por Freud de ψ do núcleo, enquanto que a parte de ψ que comporta a quantidade variável e a qual provém de ϕ , é chamada por Freud de ψ do manto:

Mas ψ ainda mantém uma relação com interior do corpo e é bem razoável decompor os neurônios ψ em dois grupos: os neurônios do manto, ocupados por intermédio de ϕ , e os do núcleo, ocupados por meio das conduções endógenas. (Freud, *apud* GABBI Jr.,2003, pág.193).

O sistema ψ recebe indiretamente estímulo externo por meio do sistema ϕ ; mas são as estimulações do sistema ψ provenientes do corpo que desempenham um papel importante, senão central, no aparelho neuropsíquico.

Os estímulos endógenos são gerados continuamente e possuem, em princípio, uma grandeza intercelular. Eles passam a ser psíquicos quando, após uma certa acumulação, são capazes de romper as barreiras de contato que os conduzem a ψ . A partir

desse momento, algumas trilhas neuronais tornam-se permeáveis e a excitação, que é constante, cresce gradualmente em ψ .

A esse processo de acumulação de quantidade, Freud deu o nome de “somação”. Como os estímulos endógenos são contínuos e de baixa magnitude e, sendo assim, não rompem imediatamente as barreiras de contato, é necessário que se acumulem para atingir ψ , portanto, a somação é própria desse sistema. Esse processo não é inexistente em ϕ , já que se encontra presente na dor. Entretanto, é incomum nesse sistema, pois não existe a necessidade de acumulação de quantidade para que o sistema seja excitado.

Após a passagem de quantidade nos neurônios ψ , eles devem retomar parcialmente a resistência para que o sistema mantenha uma quota mínima de excitação constante, ou seja, a resistência das barreiras de contato vai sendo enfraquecida, conforme a passagem de quantidade até um determinado limiar, o limiar da constância.

A excitação psíquica é composta por várias frações da excitação endógena, de grandezas que se encontram abaixo do nível da constante. Devido à somação, a excitação resultante que rompe parte das barreiras de contato de ψ , a princípio, se faz sempre presente. Como já dito, ψ do núcleo está sempre ocupado e, segundo Freud, é essa quantidade a responsável pela manutenção de toda atividade mental.

Essa quantidade forma o conjunto do que Freud chamou de pulsões. O tema das pulsões é muito pouco tratado no texto do *Projeto*.... Na verdade, Freud usa o termo poucas vezes, sem lhe atribuir o peso metapsicológico que viria a adquirir em seus trabalhos posteriores. A pulsão nada mais é, nesse momento da obra freudiana, que o modo de ação da quantidade endógena impelindo o aparelho a agir.

A primeira trilha de escoamento visada pela pulsão é aquela referente às alterações internas - expressão das emoções através da inervação muscular: gritos, choros, etc. Essa via de escoamento produz um alívio momentâneo, mas é ineficaz quanto à cessação do estímulo endógeno, que é sentido como desprazer. Essa cessação, por sua vez, só ocorreria na presença de uma intervenção no mundo externo, que provoque uma mudança capaz de interromper a liberação de quantidade no interior no organismo. Essa intervenção pode significar o provimento de alimento ou de sexo – no caso do adulto - e exige trilhas neuronais peculiares, ou seja, aquelas que levam à saciação.

2.1 Vivência de satisfação

Quando se completa o ciclo que começa com a pulsão, passando pela vontade e pela expressão motora e terminando na ação específica, ocorre o que Freud chama de “vivência de satisfação”. Essa vivência é de grande importância para o aparelho neuropsíquico, pois suas conseqüências não se restringem à cessação do desprazer, como será explicado adiante.

A vivência de satisfação faz surgir em ψ do manto a representação do objeto relacionado ao suprimento da necessidade. A representação da necessidade, produzida em ψ do núcleo e a representação do objeto ligado ao suprimento dessa necessidade, produzida em ψ do manto, são associadas entre si. Apesar da resistência existente nas barreiras de contato de ψ , isso ocorre devido à lei da associação por simultaneidade, postulada por Freud. Essa lei afirma que duas ocupações simultâneas tendem a se associar, devido ao fato de que a simultaneidade traz, como conseqüência, o mesmo efeito que a facilitação. Dessa forma, quando a representação correspondente à

necessidade fisiológica é ocupada em ψ do núcleo e, a do objeto relacionado à satisfação é animada desde o mundo externo em ψ do manto, essas representações tendem a associar-se.

A facilitação que surge entre essas representações faz com que, no momento em que o organismo entra em um estado de carência e a representação da necessidade é animada, a representação de objeto ligada a ela tenda a ser também ocupada. Toda essa situação corresponde ao que Freud chama de “desejo”. Portanto, desejo é a tendência a ocupar a representação ligada à cessação do desprazer, quando este surge no aparelho.

No funcionamento primário do aparelho, a ocupação da imagem recordativa do objeto ligado à cessação do desprazer é tão forte, que a representação animada é tratada como percepção, ou seja, o organismo alucina. A esse mecanismo Freud deu o nome de “atração desiderativa primária”.

Na medida em que a representação do objeto é ocupada e que esta, por sua vez, possui vias facilitadas com a imagem motora do movimento que em um primeiro momento trouxe a saciação, a ação correspondente a essa imagem motora é desencadeada. Entretanto, já que se trata, nesse momento, de uma recordação ocupada e não de uma percepção, essa ação não cessará o desprazer.

Para que a satisfação volte a ocorrer, é necessária a atuação do eu que, como será dito mais adiante, tem a função de impedir a alucinação e fazer com que o aparelho volte-se à realidade, buscando meios adequados para obter satisfação.

2.2 A vivência de dor

Existe ainda uma outra vivência sofrida pelo organismo a qual também não lhe deixa de trazer conseqüências importantes. A vivência de dor é uma outra situação em que o organismo sofre um aumento de tensão e uma conseqüente imposição ao trabalho. Uma grande irrupção de quantidade externa na direção de ψ é sentida como dor no organismo. Essa quantidade é derivada de estímulos de grande magnitude atuando em ϕ e, na seqüência, em ψ .

Assim, como no estado de carência, essa experiência é sentida como desprazerosa, em decorrência da magnitude da quantidade, e é seguida de uma tendência à eliminação. Ela também traz como conseqüência, devido à associação por simultaneidade, uma facilitação entre esse caminho de eliminação e a imagem recordativa do objeto que causa a dor.

Pode-se imaginar que a reocupação da imagem recordativa do objeto hostil pela via da rememoração produza, igualmente, desprazer e uma inclinação à eliminação. Esse fenômeno é chamado por Freud de “afeto” e pode ser visto como o correspondente aos estados desiderativos da vivência de satisfação.

Entretanto, de onde provém o aumento quantitativo, relacionado ao desprazer, já que, nesse caso, não há quantidade externa e a excitação endógena é insuficiente para produzir tal efeito? Freud propõe – em oposição aos neurônios motores, que conduzem à eliminação – a existência de neurônios secretores, os chamados “neurônios-chave”, que, contrariamente àqueles, estimulariam a produção de quantidade endógena.

Devido à vivência dolorosa, forma-se então, através da associação por simultaneidade, uma facilitação entre os neurônios-chave e a representação dolorosa.

Conseqüentemente, a recordação do objeto hostil provoca um grande desprazer em ω , devido ao aumento da tensão provocado pelos neurônios-chave. Somando isso à tendência inicial do aparelho a evitar o aumento de quantidade, o organismo tende, dentro de um funcionamento primário, a desocupar a representação hostil e em seu lugar ocupar a representação ligada à cessação da dor. Esse processo é chamado por Freud de “defesa primária” e nele, Freud diz haver um recalque da representação hostil, ou seja, uma inibição da representação que provoca desprazer. O recalque seria, segundo Freud, “o fato de uma imagem recordativa hostil, tão rápido quanto for possível, ser sempre abandonada pela ocupação” (*apud* GABBI Jr., 2003, p.199), ou seja, o recalque somente atua no aparelho neuropsíquico quando há representações desprazerosas, diferentemente do que ocorrerá após 1900, em que o recalque se estenderá também a representações prazerosas, como ficará explicitado.

Tanto a tendência à ocupação da representação de objeto de desejo no estado desiderativo, quanto do objeto ligado ao término da dor, no caso do afeto, são mecanismos primários e, como tal, são via de regra prejudiciais ao organismo. A atração desiderativa primária é prejudicial ao organismo porque impede a ação específica e, conseqüentemente, pode levar à morte. Por outro lado, para que se efetue a ação específica, o organismo deve levar em conta os dados da realidade.

A defesa primária também é nociva ao organismo. Apesar de fazer que o desprazer cesse em um primeiro momento, ela é prejudicial a longo prazo, pois impede o organismo de apreender a representação do objeto hostil quando esse é ocupado desde fora. Nesse caso, também devido a não considerar a realidade, o organismo deixa de agir e de acabar com o desprazer que pode ocorrer em um segundo momento.

Assim, por serem prejudiciais ao organismo, esses funcionamentos devem ser inibidos. Neste momento, deve entrar em ação um novo agente: o eu.

2.3 O papel do eu

O “eu” consiste em uma organização no interior de ψ , que seria responsável pela inibição dos processos primários – a atração desiderativa primária e a defesa primária. O eu, tal como o próprio sistema ψ , possuiria uma parte constantemente ocupada – a qual seria composta pelas representações de sensações corporais – e a parte variável, aquela que abarcaria as representações que levam à saciação.

Portanto, cabe definir o eu como a totalidade das respectivas ocupações ψ , na qual se separa uma parte permanente e uma variável. (Freud, *apud* GABBI Jr., 2003, p. 200)

Assim, segundo Gabbi Jr. (2003), o eu representaria a história das vivências ψ , ou seja, a totalidade das experiências vividas pelo ser humano. Na medida em que ψ retém a quantidade prefigurada pela constância, ele já se opõe à eliminação direta da quantidade, a qual é característica dos processos primários. Nesse sentido, se o eu está em ψ e se, nesse sistema há uma oposição aos processos primários, Freud atribui ao eu a responsabilidade por “processos secundários”, os quais inibem os primários.

Designamos como *processos psíquicos primários* a ocupação desiderativa até a alucinação, o total desenvolvimento de desprazer, trazendo consigo o gasto total de defesa; por outro lado, designamos como *processos psíquicos secundários* todos os outros processos que só são possibilitados por uma

boa ocupação do eu e que são uma moderação dos expostos acima. (Freud, *apud* GABBI Jr.,2003, pág.204)

Essa inibição dos processos primários por parte do eu é tida como uma defesa para Freud. Instruído biologicamente, ou seja, ao buscar uma maior adaptação, o organismo desenvolveu esse mecanismo de defesa, que consiste no impedimento da alucinação, seguido de uma redistribuição da quantidade – que até então era totalmente direcionada à representação alucinada – para outras representações em ψ do manto, também ligadas à cessação do desprazer. Essas outras representações – a do grito, por exemplo – quando animadas, funcionam como chamado e podem ser bem sucedidas quando resultarem em satisfação, ao contrário do que normalmente ocorre com as representações alucinadas.

Devido à urgência presente na vivência de satisfação, instaurou-se no aparelho esse novo tipo de funcionamento, a partir do qual qualquer processo alucinatório é inibido e, portanto, a alucinação conseqüente da vivência dolorosa também é barrada. Dessa forma, a ocupação da representação do objeto hostil pode ser mantida, sem que se chegue ao desprendimento de grande desprazer, de modo que o organismo possa executar a ação defensiva na presença do objeto na realidade.

No estado desiderativo, ao impedir a alucinação, o eu impede, por outro lado, a ação que leva à cessação do desprazer, a qual resultaria infrutífera. Essa ação, por sua vez, apenas seria executada na presença do objeto de desejo na realidade, caso em que a satisfação pode ser alcançada.

Para que a satisfação volte a ocorrer, é necessário um trabalho no sentido de buscar a identidade entre a representação do objeto de desejo na memória com a percepção do objeto na realidade. Como já foi dito, o eu trabalha no sentido de atenuar o

desprazer excessivo provocado, mesmo que a longo prazo, por representações alucinadas, desviando parte do montante de quantidade, destinado inicialmente a ocupar a representação alucinada, para outras representações de ψ do manto. Essa distribuição da quantidade diminui o desprazer inicial ligado à primeira representação, ao mesmo tempo em que a vincula, através da quantidade, a outras representações de ψ do manto. Essa corrente de representações vinculadas pela quantidade forma o pensamento, que permite ao organismo percorrer as possibilidades de atuação, com base nas representações de objeto e movimento presentes em ψ do manto, de forma que a representação desejada seja ocupada pela via da percepção.

O pensamento em si não é necessariamente consciente mas, à medida que se associa aos signos qualitativos provenientes das sensações perceptivas, ele pode também ser objeto da consciência. A forma mais primitiva em que ele se torna acessível à consciência, ao adquirir signos qualitativos, é o momento no qual ele coincide com ações. O pensamento é identificado com a ação que, por sua vez, gera uma imagem perceptiva capaz de produzir signos de qualidade e, conseqüentemente, consciência.

Em um segundo momento, há o surgimento da representação-palavra em ψ do manto, e por meio dela, o pensamento consciente pode passar a ser independente da ação, como aponta Caropreso (2001). Quando a representação-palavra é ocupada, o elemento cinestésico pertencente a ela provoca um esboço de movimento capaz de tornar o pensamento consciente, ao produzir signos de qualidade. A representação-palavra de ψ do manto pode ser incitada por duas vias: pela via externa (percepção de fato) ou por ativação endógena da representação de objeto. Esta última é sempre a primeira a ser ocupada e, se na seqüência a representação-palavra for também ocupada, a consciência pode apreender o pensamento subjacente.

Para que o pensamento cumpra seu objetivo – permitir que a ação seja executada somente no caso de uma ocupação da representação do objeto pela via perceptiva – ψ necessita de um sinal que diferencie a lembrança da representação ocupada desde fora. Esse sinal viria de ω : a excitação ω conduz a uma descarga motora e, assim como ocorre no caso de qualquer outra descarga, é enviada uma mensagem a ψ . Essa mensagem de eliminação proveniente de ω para ψ é o que Freud chama de signo de realidade ou de qualidade.

Entretanto, caso o objeto de desejo seja fortemente ocupado, no caso da alucinação, ω também o é e a sua descarga traduz-se nesse sinal que também chega até ψ e o critério falha nesse momento, como bem apontou Porchat (2005). Mas, sob o efeito dos mecanismos do eu, ou seja, sob inibição, a representação desiderativa não é ocupada com grande intensidade e, dessa forma, não há signo qualitativo. Este, por outro lado, só ocorre nesse caso, quando a ocupação é intensa, como quando é proveniente do mundo externo.

Assim, como consequência da ação do eu, há uma atenuação dos dois processos primários citados acima, a atração desiderativa primária e a defesa primária. No caso do afeto, passa a ocorrer uma defesa normal ao invés de uma defesa primária e, no caso da vivência de satisfação, surge o desenvolvimento do pensamento e do juízo, como formas de alcançar a satisfação levando em conta a realidade. Esses processos mais evoluídos do ponto de vista adaptativo, a defesa normal e o pensamento e juízo, constituem um salto de complexidade no funcionamento do aparelho e são chamados por Freud de “processos secundários”. Portanto, os processos secundários são formados pelo eu, que atua no aparelho como um todo, ou seja, uma vez constituído o eu, o aparelho passa a funcionar inteiramente ao modo do processo secundário. Segundo Freud:

(...) todos os dias durante o sono, temos diante de nós *processos primários* ψ como os que foram, pouco a pouco, suprimidos biologicamente no desenvolvimento ψ . (*apud* GABBI Jr., 2003, p. 211)

Mas há certos fenômenos psíquicos citados por Freud no *Projeto...* (final da parte I e parte II inteira) em que os processos primários voltam a atuar mesmo que o eu já tenha sido plenamente constituído; eles são o sonho e a defesa neurótica.

No caso do sonho, processo de funcionamento normal do aparelho, há um rebaixamento do investimento em ψ do núcleo, devido ao estado de sono, que faz que o processo secundário desapareça. O pouco investimento que resta no núcleo de ψ faz que as representações ocupadas e esparsas associem-se conforme a lei da simultaneidade e isto resulta em uma falta de lógica na relação entre elas. Dentre essas representações que ainda se mantêm ocupadas em ψ , encontram-se as representações dos desejos, que podem ser realizados alucinatoriamente – ou seja, conforme o processo primário – já que o eu está enfraquecido e o processo secundário, inoperante.

Portanto, no sonho, com o rebaixamento do investimento no eu, o aparelho como um todo passa ao funcionamento primário. Assim sendo, no sonho há uma regressão de todo o aparelho aos modos de funcionamento do processo primário, devido ao enfraquecimento do eu. Apesar de tudo, esse processo consiste em um funcionamento normal do aparelho.

Já a defesa neurótica – que, como o sonho, consiste em um funcionamento primário – ocorre somente em casos patológicos. Nela, o processo secundário não está inexistente no aparelho e tampouco o eu está enfraquecido. Muito pelo contrário, o eu está tão atuante a ponto de lançar mão de uma defesa – a defesa patológica.

Entretanto essa defesa posterior ao estabelecimento do processo secundário só ocorre em casos específicos, como será visto a seguir.

3.4 A defesa patológica

A segunda parte do *Projeto...*, intitulada “psicopatologia”, tem como propósito apresentar o funcionamento mental anormal – em particular o histérico. A histeria é o protótipo do patológico nesse momento da teoria psicanalítica e, sendo assim, a defesa histérica é o modelo da defesa patológica.

Sempre há na histeria, tal como relatada por Freud, uma compulsão de idéias intensas, desconectadas do fluxo da consciência e, ainda, aparentemente sem sentido. O caráter invasivo dessas idéias é tal, que elas sempre vêm acompanhadas por descargas afetivas e motoras, sem que o enfermo possa exercer algum controle sobre essa situação. Esses sintomas tinham início em uma situação aparentemente inofensiva.

No exemplo trazido por Freud no *Projeto...*, Emma começou a sofrer de sua compulsão por não entrar desacompanhada em lojas quando, aos doze anos – logo, no início da puberdade – entrou em uma loja e viu dois balconistas que estavam rindo. Essa cena despertou na jovem um sentimento de terror, seguido pelos pensamentos de que um dos balconistas lhe atraía sexualmente e que eles riam de seu vestido. Assim, como nos outros casos de histeria, a situação narrada pela paciente parece incompreensível e a causa atribuída por ela ao sintoma, insuficiente.

Durante o trabalho de análise, em uma investigação mais profunda através da associação livre, eram relatadas, por associação com os sintomas, cenas da infância desses pacientes, nas quais havia sempre uma sedução por parte de um adulto

seguida eventualmente de toques sexualizados por parte dele. Nessas cenas, os elementos ligados às idéias compulsivas estavam sempre presentes de forma acessória.

No exemplo de Emma, ela se recordara que quando criança, aos oito anos, havia entrado duas vezes em uma loja para comprar doces. Na primeira experiência, o merceiro, rindo, beliscou-lhe os genitais por sobre o vestido, o que não impedira que ela voltasse ali uma segunda vez.

Dessa forma, Freud entendeu essas cenas infantis relatadas pelos pacientes como traumas que estariam na origem dos sintomas histéricos. Segundo ele, seria então possível alcançar as motivações reais das idéias compulsivas e desfazer o caráter aparentemente absurdo que apresentavam.

No caso de Emma, o riso – elemento comum nos dois episódios – fora o que despertara mais tarde, ao vivenciar um episódio análogo quando púbere, os afetos relacionados à primeira cena. A hipótese de Freud é que haja uma formação de símbolo, que consiste na substituição das representações traumáticas por representações de elementos inofensivos, normalmente acessórios da cena traumática. Assim, sempre que há um motivo para a rememoração da idéia traumática, elementos supérfluos ligados a ela são rememorados e produzirão a descarga afetiva e motora relativas à representação original. Isso confere à situação todo o seu caráter absurdo.

Entretanto, qual seria o critério para que ocorresse uma substituição desse tipo? Segundo Freud, todas as idéias recalçadas – que são esquecidas e substituídas por outra na consciência – devem despertar um afeto penoso, assim como possuir um caráter sexual. Se possuíssem somente um caráter desagradável, elas seriam passíveis de serem recordadas sem, no entanto, despertarem um afeto idêntico à cena original. Elas sofreriam o

que Freud chamou de “defesa normal”. Nela, o eu lança mão de ocupações laterais de modo a atenuar o desprazer da representação e assim, inseri-la no processo secundário.

Mas, para que se produza a formação simbólica de cunho patológico, é necessário algo mais: que a representação a ser recalçada seja de origem sexual, pois só dessa forma é possível pensar em uma defesa patológica. Isso porque, para Freud nesse período pré-psicanalítico, a sexualidade ainda não estava presente na infância, o que impedia que nela houvesse uma defesa normal da representação sexualizada na cena traumática, pois a criança não poderia identificar a cena como sexual e, portanto, pernicioso para se defende dela. Freud não explica porque essa vivência deveria ser sentida como desprazerosa e impelir ao recalque em um primeiro momento.

Após a puberdade, ou seja, quando existe discernimento sobre a sexualidade, a representação da sedução pode ser evocada por uma outra situação, mesmo que inofensiva em si, mas que apresente alguns elementos em comum com a primeira cena. Neste momento, pode ocorrer uma defesa patológica, o recalque: visando à satisfação, a representação, que era aparentemente inofensiva, é ocupada no processo de pensar e provoca um desprazer abrupto e inesperado, de forma que o eu não consiga controlar esse desprazer com ocupações laterais, deixando de inserir essa representação no processo secundário. Restaria ao eu, deslocar o fluxo de quantidade, repetitivamente, para outra representação, de forma análoga ao procedimento efetuado na defesa primária, em que o processo primário está atuando. Dessa forma, a representação que provoca desprazer é recalçada – ela permanece isolada – e um símbolo surge em seu lugar: uma representação associada a ela, relativa a um fato inofensivo e ocupada compulsivamente.

Transpondo essas representações às ocupações em ψ , tem-se que a cena original é composta por representações em ψ do núcleo e ψ do manto. Em ψ do núcleo

estaria a representação desiderativa que deu origem à ação de ir à mercearia, no exemplo trazido por Freud. Em ψ do manto, estariam as representações de objeto relacionadas à satisfação: mercearia, vestido, risadas, estar sozinha, e todas as outras representações ligadas à satisfação daquele desejo. Entretanto, entre as representações de ψ do núcleo, foi inserida uma representação de um estado corporal que não tinha relação com a moção de desejo inicial. É a representação da sensação sexual sentida pela menina quando o merceiro tocou nos genitais dela. Entretanto, essa representação não possuía uma denotação adequada em ψ do manto, já que a menina não tinha conhecimento sobre sexualidade. Quando, após a puberdade, uma moção de desejo análoga a fez ir a um estabelecimento comercial, alguns elementos presentes na nova cena – balcão, risadas, entre outros – eram análogos aos da primeira cena, o que fez reativar a cadeia associativa ligada a esta, entretanto, com uma diferença: agora a representação da sensação corporal sexual em ψ do núcleo possui uma denotação adequada em ψ do manto e a situação envolvendo a segunda cena é então sentida como desprazerosa. A representação que torna essa segunda cena desprazerosa – a da sexualidade em ψ do manto – é desinvestida, assim como o complexo de representações que se ligam a ela, com uma exceção: a representação mais distante do conteúdo traumático, ainda que ligada a este. É ela que passa a ser repetidamente investida com a quantidade desviada da representação desinvestida, a qual permanece isolada em ψ do manto.

Entretanto, por que o eu não consegue barrar o desprazer e inserir a representação desprazerosa na trama do pensamento normal, tal como ocorre com a vivência de dor, em que também há o surgimento inesperado de uma representação que gera um desprazer intenso?

A resposta para essa pergunta pode ser encontrada no mecanismo da atenção. A atenção é uma importante ferramenta no processo de inibição do eu. Ela é regulada para voltar-se a ocupações laterais de percepções que gerem desprazer. A atenção nunca mais será tão bem explicada por Freud quanto fora no *Projeto...* Esse fato contrasta com afirmações de autores (como Garcia-Roza, 1988, por exemplo) que pensam ser o *Projeto...* um texto no qual não há nada de novo em relação ao que Freud escreve posteriormente.

Ocorre que o processo da atenção funciona bem no caso da vivência de dor, em que a defesa acontece já no momento da percepção desprazerosa. Por outro lado, ela falha na histeria, pois nesse caso, o que gera uma irrupção de desprazer intensa e inesperada é a recordação de uma percepção e não ela mesma. Sendo assim, a atenção não consegue chegar a tempo para focalizar a representação desprazerosa e esta poder ter seu afeto inibido.

Dada a explicação da defesa tardia do eu, com base no mecanismo da atenção, pode-se inferir que o eu não consiga reinserir a representação desprazerosa no processo secundário. Isso tem como consequência não um processo primário, mas uma compulsão histérica. É importante ressaltar que a compulsão histérica decorrente da defesa patológica não é idêntica ao processo primário decorrente das vivências fundamentais (dor e satisfação), pois, ela se dá após a constituição do eu.

Vimos que a compulsão histérica deriva de um tipo particular de movimento de $Q\eta'$ (formação de símbolo), provavelmente um *processo primário*, (...); que a força movente desse processo é a *defesa* do eu, mas que aqui desempenha mais do que {o faz} normalmente. Precisamos de uma explicação para isto: no caso de um *processo do eu* aparecem consequências a que estamos acostumados apenas no caso de processos

primários. Cabe esperar por aí condições psíquicas especiais. (Freud *apud* GABBI Jr., 2003, p. 226)

Ou seja, essas condições especiais são: a representação desprazerosa ter sido originada na infância, ser de origem sexual, bem como despertar desprazer somente quando o eu estiver ativo.

4 Reformulações do aparelho neuropsíquico após 1895

Na carta 52 a Fliess, de dezembro de 1896, Freud repensa a questão da estrutura do aparelho neuropsíquico. Essa nova estrutura é bem mais próxima daquela proposta em *A Interpretação dos sonhos* do que aquela do aparelho neuropsíquico do *Projeto*.... A grande novidade em relação ao *Projeto*... e ao mesmo tempo o fator que operará a mudança estrutural do aparelho é a forma como Freud irá conceber sua teoria sobre a memória. É bem verdade que o *Projeto*... já contém elementos para se pensar em pelo menos duas formas diferentes de organização das representações inconscientes – segundo os processos primário e secundário. Mas, nessa carta, Freud explicita, na estrutura do aparelho, as diferentes organizações da memória.

Tu sabes que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tem sido gerado por estratificação sucessiva, pois de tempo em tempo o material de traços mnêmicos pré existentes experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição (*Umschrift*). O essencialmente novo de minha teoria é, então, a tese de que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. (Freud, [1896] 1989, p. 274)

Freud dispõe os elementos do aparelho de forma muito análoga ao que fará no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Entretanto, ele ainda descreve as instâncias em termos de neurônios, característica que permanece inalterada desde o *Projeto...*, mas que se modificará a partir de 1900.

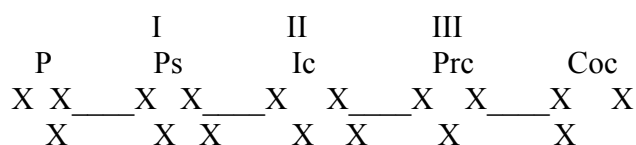


Figura 2: Representação da organização do aparelho da carta 52

Onde:

P: percepção

Ps: signos de percepção

Ic: inconsciente

Prc: pré-consciente

(e onde, provavelmente Coc corresponda à consciência)

A percepção, a qual é somada à consciência, se encontra em uma das extremidades do aparelho. Ao lado da percepção, Freud coloca um sistema de neurônios responsável pela memória da percepção. As representações desse sistema são insuscetíveis de consciência e se articulam segundo a associação por simultaneidade. Esse sistema possui uma semelhança com o sistema ψ do *Projeto...*, na medida em que em ambos há associação por simultaneidade.

Na seqüência, encontra-se o inconsciente, lugar onde se dá a segunda transcrição. As representações que aí se encontram são organizadas segundo outra lógica, talvez regida por relações causais. Essas representações são também inacessíveis à consciência e correspondem a recordações de conceitos.

A seguir, encontra-se a última instância de memória e lugar onde ocorre a terceira transcrição, o pré-consciente. Freud usa pela primeira vez o termo “pré-consciente” nessa carta e diz claramente que esse sistema corresponde ao eu:

Prc (pré-consciente) é a terceira retranscrição, ligada à representações-palavra, correspondente ao nosso eu oficial. (Freud, [1896] 1989, p. 275)

Essa instância é a sede do eu. Nela encontram-se as representações-palavra e, dessa forma, as representações desse sistema são passíveis de consciência, ao contrário do que ocorre nos outros sistemas.

* * *

Conforme desenvolvido até este momento, o eu está inserido em ψ , que é entendido como o conjunto das memórias resultantes das vivências essenciais, de satisfação e de dor. Em princípio, ψ funciona segundo o processo primário, ou seja, as trilhas de memória desse sistema são percorridas em livre fluxo por grandes quantidades, o que leva à alucinação. Devido à urgência da vivência de satisfação, esse processo teve de ser atenuado e um outro processo foi instalado em seu lugar: o processo secundário, que barra a alucinação e redistribui a quantidade no sistema, de modo a permitir o pensamento e uma ação adequada. O eu é o mediador entre os processos primário e secundário, ou seja, ele é o agente que promove a redistribuição da quantidade no sistema ψ , agindo de modo a transformar processos primários em secundários. Uma vez instalado o eu, essa transformação deve ser completa, com duas exceções: o sonho e a neurose.

O sonho caracteriza-se por ser um processo normal; nele há um enfraquecimento do eu e o sistema todo passa a funcionar segundo o processo primário. Já a neurose é um processo patológico em que o eu não consegue inserir representações no processo secundário, pois o desprazer que delas emana é causado por uma rememoração e não por uma percepção. Se fosse causado por uma percepção, o desprazer poderia ser contido por meio de uma defesa normal e a representação a ele associada, inserida no processo secundário.

No próximo capítulo, será apresentado o aparelho psíquico formulado em *A interpretação dos sonhos*, com o objetivo de estabelecer comparações com o aparelho neuropsíquico, quanto ao funcionamento do eu.

CAPÍTULO II

O eu no aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos*

1 Introdução

A Interpretação dos sonhos, texto redigido cinco anos depois do *Projeto...*, é a primeira grande tentativa de aprofundar algumas questões tratadas em 1895. A memória, tema com o qual Freud já se ocupava nos anos entre a publicação dos dois textos, continua sendo tratada com tal atenção que passa até a ser o tema central da teoria do aparelho psíquico, que pretende ser o cerne da metapsicologia freudiana. Embora diferentemente do que ocorre no *Projeto...*, em que são evidenciados os mecanismos de formação da memória, agora a ênfase é dada ao aspecto psicológico e não neurológico da memória, ou seja, são descritos os diferentes tipos de memória, ligados às diferentes formas de funcionamento psíquico – os sistemas de memória.

Esses sistemas podem ser considerados um desenvolvimento, quanto aos aspectos psicológicos, do sistema ψ do *Projeto...*. Pode-se dizer que os três sistemas desse texto ainda estão presentes em *A Interpretação dos sonhos*: *grosso modo*, há uma equivalência entre os sistemas ϕ , ψ e ω respectivamente em relação à percepção, aos sistemas de memória – que compreendem o inconsciente e o pré-consciente – e à consciência. É importante ressaltar que se os sistemas compostos no *Projeto...* referiam-se a grupos neuronais, em *A interpretação dos sonhos* eles se referem a instâncias psíquicas.

O aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* é basicamente um aparelho de memória e pretende fundamentar a totalidade dos eventos mentais. Os mecanismos aos quais estão submetidos os efeitos da memória estão aí descritos e, a partir disso, fenômenos como o sonho e as neuroses são explicados. A importância dada à memória nesse período, justifica-se por Freud colocá-la no centro de sua explicação sobre os sonhos, junto às neuroses, os atos falhos e os chistes. Entretanto, toda a dedicação da teoria psicanalítica dada a esse aspecto, ainda que importante, acaba sendo feita em detrimento de um desenvolvimento mais aprofundado de outros temas, como é o caso do papel do eu e também das pulsões dentro da teoria do aparelho psíquico.

1.1 O determinismo psíquico

Aquele que é, em geral, considerado o livro inaugural da psicanálise, deve sua importância, em grande parte, à possibilidade de aí se inaugurar uma explicação original para o funcionamento do psiquismo humano. Elaborado somente no último capítulo deste livro, que até então discorria predominantemente sobre o problema específico do sonho, o aparelho psíquico pode ser visto como a condensação dos resultados das investigações aí desenvolvidas.

O determinismo psíquico, reivindicado por Freud, pôde ter como principal aliada a explicação racional dos sonhos. O sonho é geralmente visto como um dos produtos mais confusos ou aparentemente sem sentido da mente humana. Porém, Freud o apresenta como algo traduzível, passível de ser racionalmente compreendido. Dessa forma, também se constitui num bom argumento quando se propõe explicar os demais fenômenos psíquicos desde essa mesma perspectiva determinista.

Além disso, o sonho, para Freud, talvez seja o produto da mente que mais evidencie que o psiquismo humano possua outros modos de funcionamento que não são conscientes. Isso dá base para a constatação freudiana de que existe um inconsciente que pode ser definido positivamente, ou seja, um inconsciente que não é simplesmente sinônimo de falta de consciência, mas que apresenta um modo peculiar de funcionamento. Sendo assim, o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* procura desvendar esse funcionamento, assim como toda a estrutura mental que lhe é subjacente.

O trabalho de interpretação e a busca por um sentido dos sonhos feita nos primeiros seis capítulos desse livro não é suficiente para que o sonho seja plenamente explicado, pois não há um esclarecimento total dele como fato psíquico. Dessa forma, é enunciada a necessidade de se criar uma teoria que explique o funcionamento geral do psiquismo, ou seja, uma teoria do aparelho psíquico, para que o sonho, por exemplo, seja também esclarecido com relação a essa teoria:

Tropeçamos com a impossibilidade de esclarecer o sonho como fato psíquico, pois explicar significa reconduzir ao conhecido, e até o momento não existe nenhum conhecimento psicológico ao qual possamos subordinar o que cabe discernir em qualidade de princípio explicativo a partir do exame psicológico dos sonhos. Pelo contrário, nos veremos obrigados a instituir uma série de novas suposições que rocem, mediante conjeturas, o edifício do aparelho psíquico e o jogo das forças que nele atuam. (Freud, [1900] 1989, p.506).

Pode-se, entretanto, levantar uma objeção à construção de uma teoria que explique todo o funcionamento mental quando esta tem o sonho como principal objeto de investigação proposto para consolidá-la, objeto esse que parece não ser muito seguro, pois depende da memória consciente, que por sua vez é essencialmente falha. Esse argumento é

apresentado por Freud, que procura rebatê-lo ao mostrar a análise de sonhos partindo justamente dos elementos mais incertos. É com base neles que se chega ao verdadeiro conteúdo do sonho, pois são os pontos mais delicados, para o sonhador, que tendem a ser esquecidos ou a sofrerem as maiores desfigurações. Essas distorções, por outro lado, seriam produto de um censura psíquica:

Também, o esquecimento dos sonhos segue sem explicação enquanto não se recorre ao poder da censura psíquica. (*op. cit.*, p. 512).

Para justificar o esquecimento, bem como a desfiguração dos sonhos – que deverá ser generalizado para outros eventos mentais – Freud criou uma teoria para a memória, segundo a qual nenhum esquecimento, por mais trivial que seja, é aleatório, mas sim determinado pela ação da censura, tal como ocorre com os sonhos:

Que os sonhos são esquecidos, tanto quanto outros atos anímicos, e que, ainda a respeito de sua persistência na memória, são comparáveis a outras operações da alma, é o que me mostra uma experiência que pude fazer quando escrevia este manuscrito. (*op. cit.*, p. 516).

A experiência a que se refere Freud é aquela na qual ele praticamente não conseguiu interpretar os sonhos de sua autoria, os quais ele costumava escrever em um caderno, só os conseguindo interpretar após um ou dois anos depois de os haver sonhado. A censura seria responsável pelo absurdo da forma final do sonho, pelo disfarce que esconde a verdade de realização de desejo deste, pelo seu aspecto de figurabilidade. Mas algo como a censura pressupõe a existência de duas instâncias: aquela que é censurada e

aquela que exerce a censura. Sendo assim, é introduzida a idéia de inconsciente como a instância a ser censurada, que deverá ser definida:

Temos visto que nos resultava impossível explicar a formação do sonho se não ousássemos supor a existência de duas instâncias psíquicas, uma das quais submetia a atividade da outra a uma crítica cuja conseqüência era a exclusão de seu vir-a-ser consciente. (*op. cit.*, p. 534).

Os conceitos de memória e inconsciente têm uma conotação puramente psicológica no texto de *A interpretação dos sonhos*, o que não significa o abandono, por parte de Freud, de sua convicção nas bases materiais desses fenômenos psicológicos. O modelo do aparelho psíquico é o resultado do esforço de conciliar essas duas perspectivas.

1.2 A virtualidade do aparelho

É interessante notar que a passagem de Fechner, segundo a qual, “o cenário do sonho é outro que o da vida de representações da vigília” (*op. cit.*, p. 529) foi considerada por Freud, em uma carta para Fliess de 9 de fevereiro de 1898, como a única observação sensata que obteve na literatura sobre os sonhos. Ela é significativa, porque descreve a idéia de uma outra esfera da mente, que funciona segundo outros princípios: o inconsciente.

É a partir desse ponto de vista que Freud introduziu, pela primeira vez em sua teoria, a noção de localidade psíquica, que engloba a idéia de inconsciente. Até então, ou seja, antes de *A Interpretação dos sonhos*, o modelo de aparelho psíquico usado por Freud e desenvolvido em seu *Projeto...*, fazia referência a uma certa localidade anatômica.

A localidade psíquica, por sua vez, remete a um lugar virtual no aparelho psíquico e, portanto, não pode ser confundida com localidade anatômica:

Queremos deixar por completo de lado que o aparelho psíquico de que aqui se trata nos é conhecido também como preparado anatômico, tendo o maior cuidado de não cair na tentação de determinar essa localidade psíquica como se fosse anatômica. (*op. cit.*, p. 529).

Para que fique mais clara a idéia da virtualidade do aparelho psíquico, Freud faz uma analogia entre seu modelo e um aparelho óptico. As imagens virtuais produzidas pelas lentes do aparelho óptico corresponderiam, analogicamente, às instâncias psíquicas do aparelho. Essas instâncias, assim como as lentes do aparelho óptico, seriam ordenadas segundo uma série temporal, ou seja, segundo a ordem em que ocorrem os processos psíquicos.

Essa série, bem como sua interação com os estímulos e excitações, que dão vida ao aparelho, serão agora explicitados.

2 Estrutura do aparelho

2.1 Linearidade, estímulo e excitação

A construção do aparelho psíquico empreendida por Freud é bastante semelhante àquela existente no *Projeto*.... Freud monta seu aparelho baseando-se no mecanismo do arco-reflexo. Propõe o modelo de um aparato em cujas extremidades se

encontram as vias da percepção e da motricidade, que são, respectivamente, o lugar no aparelho onde ele é excitado e onde essa excitação é descarregada:

Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações. Por isso, atribuímos ao aparelho um extremo sensorial e um extremo motor; no extremo sensorial, se encontra um sistema que recebe as percepções, e, no extremo motor, outro que abre as eclusas da motilidade. (...) O modelo do reflexo segue sendo o modelo de toda operação psíquica. (*op. cit.*, p. 531).

A idéia de arco-reflexo norteando a estrutura do aparelho é utilizada por Freud para enfatizar a linearidade presente neste. Assim como no *Projeto...*, o modelo é de um psiquismo pertencente a um ser vivo, e, sendo assim, esse organismo não poderia descarregar toda excitação recebida, pois isso o levaria à morte. Dessa forma, também teve de haver uma modificação do princípio de inércia, a qual resulte na tendência a manter uma quota mínima de quantidade ao evitar o aumento desta e ao descarregá-la até o limiar de uma constante.

Note-se que Freud revela na citação acima, entre parênteses, que os estímulos que promovem a atividade psíquica são tanto os externos quanto os internos, e acaba colocando-os em pé de igualdade. Entretanto, os estímulos internos exigem mais trabalho do aparelho e, por esse motivo, são os mais significativos também para o aparelho psíquico, pois graças a eles o aparelho se transforma de aparelho reflexo em aparelho psíquico, com as representações resultantes da vivência de satisfação, descrita logo abaixo.⁵

⁵ A partir dos artigos metapsicológicos, que não serão tratados neste trabalho, não se pode mais dizer que os estímulos internos são os mais importantes para o aparelho. A partir da constatação do caráter conservador das pulsões, os estímulos externos passam a ser o grande motor do aparelho.

Apesar de Freud não ter localizado no aparelho nenhuma via de acesso à excitação vinda do corpo – isto é, a pulsão –, deve-se levá-la em consideração, já que Freud a pressupõe sem, no entanto, explicitá-la:

(...) construímos a teoria do sonho sobre a suposição de que o desejo onírico pulsional provém, em todos os casos, do inconsciente. (*op. cit.*, p. 532).

Pode-se pensar que o lugar por onde a pulsão é introduzida no aparelho seja o inconsciente, sem passar pelo sistema perceptivo, ou seja, esse tipo de excitação emerge do “meio” do aparelho, onde supostamente poderia estar representada a abertura para o corpo.

Apesar de as pulsões não se introduzirem pelo extremo perceptivo do aparelho, este, por outro lado, não deixará de possuir uma linearidade, um caminho de condução, que também guiará esse tipo de excitação até as vias motoras, onde, como qualquer outro tipo de excitação, tenderá a ser descarregada.

Talvez o motivo pelo qual as vias que recebem a excitação gerada pelas pulsões não tenham lugar no aparelho da primeira tópica, seja o fato de Freud se propor a representar a regressão. Esta, intimamente relacionada à linearidade do aparelho, não dava lugar a uma representação das pulsões, à medida que estas não necessariamente passam por todos os processos do aparelho, já que não atuam desde a extremidade perceptiva.

Essa linearidade é expressa na configuração do aparelho, e é melhor percebida quando se pensa na atuação da percepção de estímulos externos no funcionamento deste. A excitação externa atinge primeiramente a extremidade perceptiva, não deixando marcas permanentes na constituição desta, que deve, assim, manter-se sempre

intacta, de forma a não distorcer as informações trazidas pelos estímulos externos posteriormente.

Atravessada a lente da percepção, essa excitação, assim como a interna, tende a percorrer as instâncias de memória, que, diferentemente do sistema percepção, têm suas estruturas alteradas, resultando em marcas permanentes em sua constituição:

Das percepções que nos chegam, no nosso aparelho psíquico é produzida uma marca, que podemos chamar de “marca mnêmica”. E, a função que é atribuída a essa marca mnêmica, chamamo-la “memória”. E tomamos a sério o desígnio de atar os processos psíquicos em sistemas, a marca mnêmica só pode consistir em alterações permanentes sobrevindas nos elementos dos sistemas. (*op. cit.*, p. 531).

O desenvolvimento dado por Freud a seu sistema de memória do aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* é muito rico – ele é o corpo do aparelho – e merece um tópico a parte.

2.2 As instâncias de memória

O aparelho construir-se-á entre o extremo perceptivo e o motor, sob a forma de várias instâncias de memória. Essas instâncias são constituídas ao longo da vida do sujeito, sendo aquela mais próxima ao extremo motor, também a mais primitiva. Cada uma delas possui um modo de organização diferente, que parte do mais primitivo e arcaico na primeira instância, ao mais complexo e atual na última. Esse *continuum* de complexidade é relativo ao grau de associação que possuem as representações em cada instância, sendo aquela mais primitiva também aquela cujas representações possuem

poucas associações e, conseqüentemente, quantidade muito intensa. Por outro lado, na última instância, as representações possuem mais associações e menos intensidade quantitativa, dado que esta foi dividida entre as representações associadas.

Esse grau de organização também estabelece modos diferentes de funcionamento, ou seja, a associação – ou sobreinvestimento – não traz como conseqüência uma mera agregação de representações, mas impõe um modo diferente de funcionamento ao organismo. A associação, para Freud, tem o significado de um sobreinvestimento, ou seja, a representação ou percepção que é associada recebe um investimento suplementar, pois passa a compartilhar o investimento do conjunto de representações pertencente à representação associada. Isso faz emergir um fenômeno diferente daquele anterior à associação.

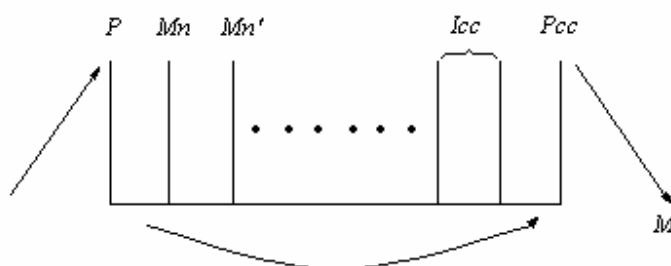


Figura 3: Estrutura do aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos*

Onde:

P: percepção

Mn: memória

Mn': transcrição da memória

Icc: inconsciente

Pcc: pré-consciente

M: motricidade

Esses sistemas, como já foi dito acima, não podem ser identificados anatomicamente. O aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos* possui, na verdade,

uma localização que obedece à ordem cronológica da construção das instâncias e à seqüência em que transcorrem os processos.

A excitação tende a passar pelas instâncias mais primitivas e ir em direção àquelas mais próximas à motricidade. Se não ocorrer o recalque (explicitado em mais detalhes logo abaixo), a excitação percorrerá todas as instâncias de memória e atingirá o extremo motor do aparelho, onde será descarregada.

Assim como no *Projeto...*, a excitação externa pode ser facilmente eliminada, ao contrário da excitação interna, que somente é cessada com a realização da ação específica. Por esse motivo, ela acaba exigindo um comportamento diferenciado em relação àquele relacionado à ação reflexa, cuja ação não pressupunha aprendizagem.

Esse novo comportamento, na medida em que é aprendido, implica memória. Sendo assim, pode-se dizer que a memória, tão cara à teoria freudiana, é conseqüência da ação da excitação interna no aparelho. Graças às excitações, o aparelho se transforma de um aparelho de reflexo em um aparelho psíquico, conforme elas impõem exigências que fazem com que o aparelho pare de reagir de forma automática e passe a agir de forma mental. É também a partir da ação das excitações, que os estímulos – de origem externa – passam a contribuir para a construção da memória, bem como para a regulação da ação executada, deixando de ser um mero estímulo eliciador de uma resposta automática.

Dadas as excitações internas e externas, a última instância de memória a ser percorrida, e que, portanto, está ligada ao extremo do aparelho oposto à percepção, é o sistema Pré-consciente. Nele, assim como na carta 52, as representações são dotadas de certo tipo de organização, dada pela linguagem, o que as tornam passíveis de consciência:

(...) o sistema Prc teve de requerer qualidades próprias que puderam atrair a consciência e as conseguiu, muito provavelmente, pelo enlace dos processos pré-conscientes com o sistema mnêmico (não desprovido de qualidade) dos signos de linguagem. . (*op. cit.*, p. 566).

Mas não é só parte do pensamento que é objeto da consciência. Ela é sensível a muitos outros elementos do aparelho, também passíveis de qualidade, como veremos a seguir.

2.3 A consciência

Assim como no *Projeto...*, a consciência é o órgão de apreensão de qualidades do aparelho. Entretanto, ela deixa de possuir uma representação no aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos*, talvez pelo fato de que ela pode ser sensível a processos de qualquer instância. Quando o aparelho está completo, ou seja, quando há processo secundário, ela se volta às percepções do mundo externo, às sensações de prazer e desprazer, bem como à parte do pensamento. Nesse momento, ela pode ser localizada no extremo motor do aparelho, entre o sistema pré-consciente – de quem recebe parte dos pensamentos e as sensações de prazer e desprazer – e a percepção – de quem ela recebe as qualidades perceptivas⁶. Por outro lado, caso o processo secundário esteja inoperante – como no sonho, por exemplo – a consciência volta-se às representações do processo primário ao atentar para os signos qualitativos dessas representações, as quais são dotadas de um forte apelo visual.

⁶ Deve-se imaginar uma torção do aparelho para que isso seja possível

Mas é levando em conta o aparelho plenamente constituído que Freud pensará o seu lugar, pois se refere a ela no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* como algo ligado à percepção - tanto de estímulos externos, como já foi dito acima, quanto internos:

O material de excitações afluí a partir de dois lados ao órgão sensorial Cc: desde o sistema P, cuja excitação condicionada por qualidades provavelmente passa por um novo processo antes de converter-se em sensação consciente, e desde o interior do próprio aparelho, cujos processos quantitativos são sentidos, toda vez que alcançam certas alterações, como série de qualidades de prazer e desprazer. (*op. cit.*, p. 603)

O fato de estar ligada a esses dois sistemas ao mesmo tempo parece ser algo contraditório se tentarmos visualizar a consciência dessa forma no esquema do aparelho, pois os dois sistemas a que está ligada se encontram nos extremos opostos do modelo. Provavelmente, Freud a imagina assim em seu esquema do aparelho porque ambos, a percepção e a motricidade, geram signos qualitativos, que atraem a consciência. Os signos qualitativos produzidos pela percepção e pela motricidade referem-se ao mundo externo: são as percepções conscientes. Entretanto, a consciência também recebe signos qualitativos provenientes diretamente do corpo: as sensações de prazer e desprazer.

Pode-se pensar a consciência como o órgão que se encontra entre o mundo interno e o externo, ou seja, por ser sensível tanto à percepção de qualidades sensoriais, quanto à sensações de qualidades psíquicas – as qualidades da linguagem, bem como as das sensações de prazer e de desprazer:

A consciência, para nós, tem o significado de um órgão sensorial para a apreensão de qualidades psíquica, é excitável

na vigília por dois lugares. Primeiro, desde periferia de todo o aparelho, o sistema de percepção; segundo, desde as excitações de prazer e desprazer que resultam, quase como a única qualidade psíquica, das transposições de energia que ocorrem no interior do aparelho. (*op. cit.*, p. 566)

Dentre as qualidades psíquicas, as sensações de prazer e desprazer se dão da seguinte forma: quando ocorre uma tradução entre o inconsciente e o pré-consciente, a variação na quantidade inerente a cada representação inconsciente é sentida na consciência, dentro da nova trama de representações, como prazer ou desprazer.

A tradução entre essas instâncias ocorre quando a representação pré-consciente recebe um sobreinvestimento, propiciado pela atenção. A atenção tem a característica de (sobre)investir uma representação, que, por sua vez, ativa uma certa cadeia associativa, determinada pelo princípio do desprazer. Essa cadeia associativa percorre representações pré-conscientes, até o momento em que é investida uma representação que provoque desprazer. Nesse momento, essa representação tende a ser abandonada pela consciência, pois a atenção retira o sobreinvestimento da representação. É devido a esse mecanismo que a consciência possui um papel mais importante que o de mera receptora de qualidades: ela também contribui para a regulação do próprio aparelho.

Além de ser sensível a essas qualidades psíquicas, a consciência também recebe parte dos processos de pensamento: aquela parte ligada aos signos de linguagem, os quais também são dotados de qualidade psíquica. O sistema pré-consciente tem como característica organizar as representações segundo as leis da linguagem, o que as torna passíveis de produzir qualidade, devido às recordações de palavra que se associam às representações inconscientes, que trazem consigo restos de qualidade. Entretanto, tal como ressaltado por Caropreso (2005), a diferença entre representações suscetíveis e insuscetíveis

de consciência não se limita à presença ou ausência do vínculo com as palavras. Elas necessitam ser atraídas pela atenção para se tornarem de fato conscientes.

Apesar do fato de Freud conceber a consciência como um sistema, não se pode considerá-la uma instância, termo reservado aos sistemas de memória. Isso ocorre porque não há um lugar definido para a consciência no esquema do aparelho psíquico. Ela é, tal como a percepção, excitável por qualidades e carente de memória, e, nesse sentido, ela é um sistema que é sensível às qualidades psíquicas, que podem surgir tanto a partir de representações inconscientes quanto pré-conscientes, conforme a atenção se voltar para umas ou outras. Portanto, a consciência pode ser sensível a processos que ocorrem em qualquer parte do aparelho.

A consciência é atraída, dentre as representações dotadas de qualidade, aonde a atenção guiá-la. À atenção, por sua vez, não é atribuído um critério que a direcione no texto de *A interpretação dos Sonhos*, ao contrário do que ocorre no *Projeto...*, no qual ela é justificada pela lei biológica da sobrevivência.

Dada a estrutura do aparelho, bem como a apresentação de suas instâncias, passa-se agora à interação entre essas instâncias.

3 A dinâmica das instâncias: censura, recalque, condensação e deslocamento

Apesar de ser a tendência natural do aparelho, nem todas as representações são traduzidas para o modo de funcionamento pré-consciente. Por ter acesso

somente a algumas representações, a consciência não é uma base segura para Freud construir sua teoria. Algumas representações que atingem a consciência não apresentam uma coerência perfeita – como no caso dos sonhos e das psicopatologias – pois muitas vezes, os elementos essenciais para a compreensão de um dado pensamento não estão presentes.

É com base nessas distorções que Freud infere a ação de uma censura agindo na transcrição de algumas representações para a consciência. Freud não explica os motivos da censura em *A interpretação dos Sonhos*, quais seriam os critérios que fariam com que uma representação provoque desprazer e fosse censurada. Simplesmente diz que o indivíduo passa a sentir como desprazerosas algumas representações com o desenvolvimento, conforme adquire sentimentos como o asco e vergonha.

A idéia de censura indica que parece haver um outro dentro do próprio psiquismo que entra em conflito com o restante da mente; nesse sentido, ela pode ser vista como a precursora do superego da segunda teoria do aparelho psíquico.

Já o recalque é um conceito que procura descrever o mecanismo capaz de produzir as distorções observadas. O recalque atuaria em consonância com a censura. Ele é o mecanismo que provoca as distorções conforme os critérios da censura – que não são esclarecidos em 1900, como já foi dito.

O recalque ocorre quando, no investimento de uma representação, é percorrida uma cadeia associativa que se depara com uma representação que é indesejada, ou seja, que provoca desprazer ao ser inserida na trama de representações conscientes. No momento em que essa representação é transcrita em modos de funcionamento consciente, há um aumento de quantidade percebido pela consciência como desprazer. A partir de então, essa representação é desinvestida pela atenção consciente, que, por sua vez, investe

outra representação. A representação desinvestida é atraída pelas representações inconscientes, devido ao grande investimento destas, passando a funcionar segundo o modo de organização deste sistema, sendo que esse mecanismo se utiliza de parte da quantidade da representação desinvestida para efetuar sua ação.

Após esse processo, pode ainda ocorrer a formação de um sintoma. Nesse caso, a quantidade restante da representação pré-consciente desinvestida liga-se a outra representação pré-consciente, segundo as formas de condensação e deslocamento, formando assim os sintomas da neurose e o sonho.

O deslocamento é a transição de quantidade entre representações inconscientes ou entre estas e uma representação pré-consciente, todas ligadas a uma cadeia associativa. Já a condensação consiste no investimento de somente uma representação, que está ligada a várias cadeias associativas de cujas representações provém esse investimento. Esses dois processos são complementares, já que não é possível ter condensação sem deslocamento de quantidade e vice-versa. Eles descrevem o modo de funcionamento do processo primário, típico do sistema inconsciente, participando também da formação tanto dos sonhos quanto das neuroses.

E, para que as representações recalçadas não se tornassem novamente pré-conscientes/conscientes, já que essa é a tendência natural delas devido ao movimento de descarga do aparelho, foi necessário introduzir a idéia de um esforço permanente do pré-consciente em um sentido contrário ao movimento natural do aparelho, que agiria de forma a manter as representações recalçadas no inconsciente. Esse esforço foi chamado por Freud de contra-investimento.

Se pensarmos na construção do aparelho psíquico, pode-se dizer que o recalque é, em parte, o responsável pela diferenciação entre o inconsciente e o pré-consciente, já que ele isola as representações indesejadas no inconsciente, ao mesmo tempo que mantém as representações suportáveis no pré-consciente, contribuindo assim, com a clivagem do aparelho.

Entretanto, como pensar no primeiro recalque, já que é necessária a atração por parte do inconsciente das representações pré-conscientes a serem recalçadas? Deve-se conceber um inconsciente que exista desde o início do aparelho e que nunca tenha se tornado pré-consciente.

Para responder a tal questão faz-se necessário remontar às origens e, conseqüentemente, à evolução do aparelho psíquico

4 A evolução do aparelho

4.1 Inconsciente primordial e processos primário e secundário

Freud já descreve elementos para se pensar em um “inconsciente primordial”⁷ em *A interpretação dos sonhos*, embora só o denomine como tal em textos subsequentes – *O recalque* (1915) e *O inconsciente* (1915). Esse inconsciente é constituído por moções de desejo inconscientes desde a origem.

⁷ termo que designa, de fato, a etapa de constituição do sistema inconsciente e que difere do recalque propriamente dito, que é, por outro lado, o desalojamento de representações pré-conscientes para o inconsciente

Por se tratarem das primeiras construções psíquicas, essas representações também funcionam do modo mais primitivo, chamado por Freud de “processo primário”. Esse processo caracteriza-se pela regência exclusiva do “princípio do desprazer”⁸, que reza que toda a representação desprazerosa tende a ser desinvestida, ao mesmo tempo que é investida uma representação ligada à satisfação, tal como ocorria no *Projeto*.... Sendo assim, esse modo de operação não pode permitir que a realidade seja também contemplada, pois esta causa frustração ao aparelho constantemente.

Entretanto, o desprazer não cessa, podendo tornar essa situação muito prejudicial ao aparelho a longo prazo. Dessa forma, instaurou-se no aparelho uma regulação mais fina, que deve tolerar um pouco de desprazer para poder levar em conta a realidade e, dessa forma, evitar um desprazer maior posteriormente.⁹

Esse novo funcionamento é chamado por Freud de “processo secundário”, o qual vai progressivamente se instalando no aparelho, tomando lugar do processo primário, até que o domine na idade adulta.

(...) os processos primários estão dados naquele [no aparelho] desde o começo, enquanto que os secundários só se constituem pouco a pouco no curso da vida, inibem os primários, os sobrepõem, e talvez somente na plena maturidade conseguem submetê-los a seu total império. A consequência deste advertimento tardio dos processos secundários, o núcleo de nosso ser, que consiste em moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não inibível para o pré-consciente. (*op. cit.*, p. 592)

⁸ termo que passará a ser chamado por Freud de “princípio do prazer” após 1911.

⁹ Esse mecanismo é melhor explicado logo abaixo, quando será apresentado o processo de formação do desejo, bem como as implicações desse processo.

Entretanto, ainda que o processo secundário encontre-se no auge de seu desenvolvimento, o processo primário não irá deixar de existir. Diferentemente do que ocorre no *Projeto...*, em que o processo secundário toma completamente o lugar do processo primário.

Essa clivagem que ocorre em *A interpretação dos sonhos* corresponde aos sistemas pré-consciente e inconsciente, respectivamente. Isso ocorre porque o processo secundário corresponde à instância que exerce a crítica e, advindo tardiamente, essas moções primitivas não puderam ter o desprendimento de seus afetos inibido e devido a isso, foram mantidas inconscientes e organizadas segundo o processo primário.

Esse processo de clivagem não estabelece somente a diferença entre os dois sistemas citados. Segundo Limonge (1994), também há uma relação entre a diferenciação entre processos primário e secundário e os grupos de pulsões sexuais e de auto-conservação. A pulsão, em cuja origem apenas vem prescrita uma vaga exigência de trabalho, torna-se mais específica conforme se constitui as diferenças de trabalho impostas pelos dois processos.

Nesse ponto, a teoria do recalque da primeira tópica se parece muito com a teoria da sedução exposta no *Projeto...* (Laplanche, 1988), pois traz a idéia de que uma defesa tardia impediria a descarga de afeto de algumas representações inconscientes. Entretanto, não há em *A interpretação dos sonhos*, assim como no *Projeto...* uma explicação do porquê desse mecanismo. Em *A interpretação dos sonhos*, apesar de Freud colocar o pré-consciente como o responsável pela mudança de afeto de algumas representações, o motivo – o desenvolvimento psicológico, que mais tarde será esmiuçado quando Freud descreve a construção social do eu – não é desenvolvido em *A interpretação dos sonhos*.

Será suficiente estabelecer que uma mudança assim de afeto ocorra no curso do desenvolvimento (pensa-se no advento do asco, que inicialmente faltava na vida infantil) e que se coaduna com a atividade do sistema secundário. (*op. cit.*, p. 593)

A diferença da teoria do *Projeto...*, em que não havia sexualidade na infância, em relação a de *A interpretação dos sonhos* é que, aí, há sexualidade infantil ativa e, sendo assim, essas moções de desejo existentes desde a origem podem ser de cunho sexual. Portanto, o que motiva o recalque não é mais uma defesa tardia e patológica mas sim, o choque entre dois tipos de desejo resultantes do desenvolvimento normal: a sexualidade presente desde a infância e a aquisição posterior de regras morais. Além do mais, o recalque passa a fazer parte do desenvolvimento normal de todo indivíduo, ao contrário do *Projeto...*, em que esse mecanismo ocorria somente em casos patológicos. Assim, no *Projeto...* Freud diferencia uma defesa normal de uma patológica.

De qualquer forma, a questão da mudança de afeto ligada ao desenvolvimento ainda aparece muito superficialmente em *A interpretação dos sonhos*. Contudo, com o advento do processo secundário, a realização de alguns desses desejos passou a ser problemática, transformando o que deveria ser prazeroso em desprazer. Aí entra em cena o processo do recalque, que vai atuar sobre representações pré-conscientes que possuem ligação com esses desejos primitivos e para quem o afeto desses desejos foi transferido. As moções inconscientes de desejo desde a origem mantêm-se sempre ativas – assim como as representações ligadas à elas – porque surgiram em um momento que não havia processo secundário e, portanto, nem censura ou inibição.

4.2 O desejo

Descrever o processo de formação do desejo é imprescindível quando se pretende compreender a evolução cronológica do aparelho psíquico, pois é o processo, como já foi dito, responsável pela transformação de um aparelho reflexo em um aparelho psíquico propriamente. Além disso, as conseqüências do desejo implicam na evolução desse aparelho psíquico instaurado, evolução essa, que consiste essencialmente na passagem do processo primário ao secundário.

É importante ressaltar que a idéia de desejo possui aí a conotação de algo adquirido no contato com o mundo externo, algo contingente, de uma representação que se associa à pulsão para que essa possa descarregar sua quota energética. No início, quando o aparelho era excitado desde fora, havia uma tendência a uma descarga imediata da tensão, através da ação reflexa. Porém, quando a excitação tinha origem no interior do organismo (como a fome, por exemplo), tentativas de descarga da tensão através da motricidade, como um arco reflexo, não faziam por si só cessar a excitação, pois era preciso a ajuda de terceiros para que esse tipo de tensão fosse anulada.

Quando isso ocorre, surge o que Freud chamou de “vivência de satisfação”. Assim como no *Projeto...*, essa vivência traz uma importante conseqüência: uma representação (de objeto) é associada à representação do estímulo que deu origem à moção inicial do aparelho. Somada essa vivência ao princípio do desprazer, que rege o organismo da primeira teoria do aparelho psíquico desde o início, o aparelho tenderá a alucinar o objeto ligado à satisfação quando a excitação que deu origem a esse desejo for ativada novamente. No *Projeto...*, esse fenômeno caracterizava a atração desiderativa primária. Em 1900, Freud chama isso de desejo:

Um componente essencial dessa vivência é a aparição de uma certa percepção(...) cuja imagem mnêmica fica, de aí em diante associada à marca que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. A próxima vez que esta última sobrevir, devido ao enlace assim estabelecido, suscitar-se-á uma moção psíquica que tenderá a investir a imagem mnêmica daquela percepção e produzir outra vez a mesma percepção(...). Uma moção dessa índole é o que chamamos de desejo. (*op. cit.*, p. 557/558).

Dessa forma, é o desejo que irá pôr em andamento o aparelho e, conseqüentemente, também irá levar à construção deste, com as representações conseqüentes à saciação. O desejo é um conceito-chave para a compreensão do desenvolvimento do aparelho psíquico, através dele é possível visualizar o modo como este é construído, lógica e cronologicamente

Pode-se imaginar que a alucinação não seja um mecanismo nem um pouco adaptativo ao aparelho, além de, a longo prazo, também provocar desprazer, à medida que não cessa a fonte deste. Sendo assim, institui-se no aparelho um outro tipo de funcionamento, que impede a alucinação e fornece as vias adequadas à ação específica, levando em conta a realidade. Porém, para que isso ocorra, faz-se necessário o acúmulo dessa tensão – que até então seguia livremente o curso estabelecido pelo princípio do desprazer – para que pudesse ser canalizada para a realização de uma ação específica. A livre descarga e a regência exclusiva do princípio do desprazer são características do processo primário, enquanto que o acúmulo de energia e a consideração da realidade – transformação do princípio do desprazer em princípio de realidade – são, por outro lado, características do processo secundário.

Ocorre aí uma mudança de nível, ou seja, passa a existir um outro modo de funcionamento do aparelho psíquico, um outro modo de organização das representações, que são característicos do sistema pré-consciente.

4.3 A formação do pré-consciente

O processo secundário não está dado desde o início, ele é algo que se constrói e se fortalece ao longo do desenvolvimento:

Os processos primários são dados naquele [no aparelho psíquico] desde o começo, enquanto que os secundários só se constituem pouco a pouco no curso da vida, inibem os primários, os sobrepõem, e talvez somente com o amadurecimento pleno conseguem submetê-los a seu total império. (*op. cit.*, p. 592)

Freud não atribui um agente formador do pré-consciente – como ocorre no *Projeto...*, com o eu –, ele simplesmente explicita o mecanismo de formação do processo secundário: surge tardiamente e é constituído por palavras. É graças às palavras que é possível haver uma regulação mais fina do aparelho, uma regulação não só decorrente das sensações de prazer e desprazer mas, que leve em conta também representações desprazerosas. Isso é condição essencial para que a realidade seja assimilada.

Toda a complicada operação que ocorre desde a excitação inicial até a cessação desta, dentro de um funcionamento secundário, é o pensamento, entendido por Freud como um rodeio para o cumprimento de desejo. Tal como no *Projeto...*, o pensamento ocorre quando há uma inibição do processo primário e a excitação deixa de

seguir as trilhas mais facilitadas, através do desvio provocado por ocupações laterais, as quais não levariam à saciação, para seguir trilhas que levem a esta. O pensamento consciente, que é dado através de palavras, pode ter surgido como um aperfeiçoamento da regulação pelo desprazer, apesar de consistir justamente na inclusão de representações desprazerosas na consciência. Isso ocorre porque a não contemplação dessas representações deve levar, invariavelmente, a um desprazer maior posteriormente.

É provável que no começo o princípio de desprazer regule automaticamente os deslocamentos do investimento; mas é muito possível que a consciência dessas qualidades agregue uma segunda regulação, mais fina, que possa até contrariar a primeira e que aperfeiçoe a capacidade de operação do aparelho, porquanto, contra sua disposição original, o habilita a submeter o investimento e a elaboração também àquilo que se associa ao desprendimento de desprazer (...) Com efeito, os processos de pensamento carecem de qualidade, salvo as excitações de prazer e desprazer que os acompanham, que devem ser refreados como perturbação possível do pensar. Para prestar-lhes qualidade são associados, no ser humano, com recordações de palavra, cujos restos de qualidade bastam para atrair para si a atenção da consciência e para atribuir ao pensar, desde esta, um novo investimento móvel. (*op. cit.*, p. 604-605)

Sabemos que a palavra parece ser condição necessária ao surgimento do processo secundário e, portanto do sistema pré-consciente que o representa, pois é graças a ela que surge a possibilidade de o aparelho considerar também a realidade. Entretanto, como já foi dito anteriormente, não há um agente formador do pré-consciente em *A interpretação dos sonhos*, como há no *Projeto...* com o conceito de eu.

Apesar de faltar em *A interpretação dos sonhos* um agente como o eu, é possível perceber algumas similaridades entre este conceito e o próprio sistema pré-consciente, o quanto o pré-consciente de *A interpretação dos sonhos* assemelha-se, em

alguns aspectos, ao eu do *Projeto...*. Vejamos em que medida o eu “está presente” na primeira teoria do aparelho psíquico.

5 O eu e o aparelho psíquico de “A Interpretação dos sonhos”

A razão deste tópico deve-se não somente à importância de descrever a evolução das instâncias no início da tópica freudiana – algumas funções do eu são transpostas para o sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos* – mas, principalmente, ao fato de que, ao fazer a análise dessa transposição e de suas vicissitudes, deparamo-nos com os limites da primeira teoria do aparelho psíquico de Freud.

Como já foi dito no início desta dissertação, o eu não aparece no aparelho da primeira tópica. Entretanto, é possível localizá-lo, em alguma medida, no texto do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*.

Em nenhum momento Freud discorre sobre o eu nas primeiras versões de *A interpretação dos sonhos*. O eu aparece no texto somente em 1919, data próxima da criação da segunda teoria do aparelho psíquico, na qual o eu está explicitamente presente no aparelho. Esses anos entre o texto original e a parte acrescentada talvez faça com que esse trecho pareça meio extemporâneo.

Esse trecho refere-se àquele sobre os sonhos desprazerosos. Os sonhos punitivos fazem parte desse grupo e surgem, a princípio, assim como os outros sonhos, como produto da união de um desejo inconsciente com um desejo pré-consciente. Primeiramente, há a realização do desejo inconsciente, que é o primeiro formador do sonho. Depois, há uma reação por parte do eu ligado à censura e ao pré-consciente, surgindo um

desejo punitivo devido à realização do desejo inconsciente. Este último desejo forma um novo sonho, de conteúdo angustiante.

O caráter essencial dos sonhos punitivos reside, portanto, no fato de que neles, o formador do sonho não é o desejo inconsciente que procede do reprimido (o sistema Icc), mas o desejo punitivo que reage contra aquele; este último, pertence ao eu, ainda que também seja inconsciente (ou melhor, pré-consciente). (*op. cit.*, p. 550).

Fica claro aqui que Freud atribui os desejos punitivos ao eu. É interessante notar a hesitação dele quanto a localizar o eu em algum dos dois sistemas. Isso talvez se deva ao fato dessa parte do capítulo VII em que aparece o eu ter sido escrita posteriormente, quando Freud estava mais próximo a atribuir somente um caráter descritivo ao termo inconsciente.

Torna-se complicado nessa passagem o fato de Freud localizar o agente recalador pertencente ao eu, assim como o objeto a ser recalado, ambos no inconsciente, talvez no sentido descritivo no primeiro caso e dinâmico no segundo. Parece que o eu deva ser identificado ao pré-consciente como sistema, à medida que ambos são responsáveis pelo processo secundário. Ao mesmo tempo, o eu deve possuir uma parte inconsciente, na medida em que é o promovedor do recalque e este é inconsciente. Não se pode dizer ao certo se essa parte do eu pertenceria ao inconsciente no sentido sistemático ou apenas descritivo. Essa última hipótese é válida em algum sentido, na medida em que o recalque é um mecanismo primário de defesa.

O trecho extemporâneo citado acima talvez demonstre as razões pelas quais Freud teria repensado sua teoria do aparelho psíquico. Nele os problemas se tornam mais evidentes, porque Freud se refere, pela única vez no texto da primeira teoria do

aparelho psíquico, a um agente recalador. No entanto, o problema continua existindo no restante do texto se tentarmos localizar o agente do recalque – este, que faz parte da primeira teoria do aparelho psíquico – em uma das instâncias do aparelho.

5.1 Eu e pré-consciente

O agente do recalque é, normalmente, identificado ao eu na obra freudiana (Laplanche & Pontalis, 1999). O eu, por sua vez, é parcialmente identificado ao sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*.¹⁰ Sendo assim, vejamos em que medida pode-se localizar o agente do recalque nesse sistema do aparelho psíquico.

A atividade do sistema pré-consciente é exposta por Freud na sessão E do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, no momento em que é descrito o surgimento do processo secundário:

Assim se fez necessária (...) a atividade de um segundo sistema – que não permitisse que o investimento mnêmico avançasse até a percepção e, desde aí, ligasse as forças psíquicas, mas que conduzisse a excitação que partisse de um estímulo da necessidade por um rodeio que, finalmente, (...) modificasse o mundo exterior de modo tal que pudesse ocorrer a percepção real do objeto de satisfação. (*op. cit.*, p. 566)

No comentário acima, percebe-se que muitas funções do eu descritas no *Projeto...* assemelham-se às do sistema pré-consciente mas, as semelhanças não se

¹⁰ Para alguns, como Brabant (1977), por exemplo, o eu é totalmente identificado ao sistema pré-consciente, chegando a ser visto como a própria personificação deste sistema.

encerram aqui. No trecho abaixo, nota-se quanto o modo de funcionamento de tais atividades também é muito similar:

A atividade do segundo sistema, que procede por múltiplos ensaios, que envia investimentos e torna a recolhê-los, por uma parte necessita dispor livremente de todo o material mnêmico; por outra, seria um gasto supérfluo, se enviasse, por cada uma de suas vias de pensamento, grandes quantidades de investimento que depois se dispersaria sem finalidade, reduzindo, assim, a quantidade necessária para a transformação do mundo exterior. (*op. cit.*, p. 588/589)

É interessante notar quanto essa descrição das atividades do sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos* se assemelha àquela dada ao eu do *Projeto...*:

Portanto, cabe definir o eu como a totalidade das respectivas ocupações ψ , na qual se separa uma parte permanente de uma variável. Como se compreende facilmente, pertencem igualmente ao patrimônio do eu as facilitações entre os neurônios ψ , entendidos como possibilidades de indicar sua expansão em momentos sucessivos do eu alterado. (Freud, *apud* GABBI Jr., 2003, pág. 200)

Apesar do fato de o *Projeto...* chamar muito mais a atenção por seu mecanicismo que *A interpretação dos sonhos*, é interessante notar que há nele um agente promotor do processo secundário, ao contrário do que ocorre em *A interpretação dos sonhos*, em que este é formado mecanicamente. É fato, por outro lado, que nas entrelinhas deste texto está subentendida a função biológica do processo secundário: interromper a alucinação e voltar-se para o mundo externo para sobreviver. Entretanto, no *Projeto...*, a explicação biológica da formação do eu e, conseqüentemente, do processo secundário é muito mais evidenciada.

Esse agente do processo secundário parece estar ausente em *A interpretação dos sonhos*. As “ações” atribuídas ao eu no *Projeto...* aparecem na primeira teoria do aparelho psíquico como as próprias atividades, passivamente ensejadas pelo próprio funcionamento do processo secundário.

O fato de desaparecer o agente promovedor das defesas faz com que fiquem difusos os próprios pólos dessa defesa, o que contrasta com a clareza da descrição do mecanismo do recalque que surge em decorrência desse conflito (essa antropomorfização dos pólos das defesas reaparece com muito mais força na segunda teoria do aparelho psíquico, motivo pelo qual nesse aparelho são muito mais evidentes os pólos dos conflitos).

Além da diferença relacionada à antropomorfização, percebe-se que a qualidade e profundidade da descrição dos mecanismos relacionados aos dois conceitos no texto de 1895 excede em muito o texto de 1900.¹¹ Isso traz consequências importantes quanto aos limites do poder de ilustração do aparelho da primeira tópica: com o desaparecimento do eu na primeira tópica, ficará muito difícil localizar o agente que exerce o recalque nesse aparelho.

¹¹ Entretanto, a retomada e ampliação do conceito de eu, somados ao desenvolvimento da teoria das pulsões entre as tópicas fará com que diferença entre os dois conceitos, no aparelho psíquico da segunda tópica, não se resuma à antropomorfização e ao grau de pormenorização da descrição dos mecanismos que são comuns aos dois conceitos. O eu em 1923 excede o pré-consciente em muitos aspectos.

5.2 O problema do recalque em “A interpretação dos sonhos”

Onde está o recalque no aparelho psíquico da primeira tópica?

Se tentarmos localizar os pólos dos conflitos no aparelho da primeira tópica, à primeira vista, parece não haver muito mistério: o que entra em conflito são os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciência.

Se olharmos mais de perto, e nos perguntarmos quais os elementos de cada sistema que entram em conflito, a resposta quanto à questão dos pólos dos conflitos parece não continuar tão clara assim. Entram em choque as representações inconscientes que encontram espaço no pré-consciente, ao ligarem-se com alguma representação desse sistema, e atingem a consciência – já uma outra instância. Assim, provocam desprazer ao deparar-se com outras representações do próprio sistema ao qual foram traduzidas, o pré-consciente e as quais foram adquiridas mais tardiamente em relação às representações inconscientes.

Nesse ponto parece que a resposta quanto à primeira questão pode mudar: os pólos do conflito se transferem dos sistemas inconsciente e pré-consciente/consciência, entendidos como um bloco, para os sistemas pré-consciente (suas representações derivadas do núcleo do inconsciente) e a consciência (momento em que essas representações se tornam conscientes e entram em choque com as outras representações pré-conscientes mais atuais). Ou ainda, o conflito poderia ser localizado dentro do próprio sistema pré-consciente, à medida que contém as representações derivadas do inconsciente arcaico e as representações adquiridas posteriormente, as quais entram em choque com as primeiras. Ou, finalmente, os pólos do conflito poderiam ser localizados dentro da consciência, à medida que as representações pré-conscientes – tanto as derivadas do inconsciente quanto

as adquiridas posteriormente – apenas entram em atrito e despertam desprazer se transcritas para a consciência.

Se tentarmos simplificar a questão e localizar o mecanismo do recalque no pré-consciente, o lugar mais óbvio de o localizar, pelos motivos apresentados acima, nos deparamos com vários problemas – alguns dos quais já apontados por Arlow e Brenner (1973).

O primeiro deles é que esse sistema representa o próprio processo secundário e não pode ser o fundador deste. Falta um agente fundador do processo secundário – o eu.

Além do mais, o que a princípio define o pré-consciente é o livre acesso das representações à consciência. (Isso não é explicitado em *A interpretação dos sonhos*, mas no artigo *O inconsciente* (1915), o que faz com que as representações pré-consciente tenham livre acesso à consciência é a vinculação das representações de coisa – inconscientes – com representações de palavra). Ambas os grupos de representações são, na realidade um complexo de representações; a representação de coisa consiste em um complexo de representações visuais, ligadas ao mesmo objeto, enquanto que a representação de palavra é um complexo associativo no qual estão associadas a representação acústica da palavra, a representação visual da palavra e a representação cinestésica da palavra. Esses dois grupos de representações podem ser associados através da representação acústica da palavra. Essa teoria é desenvolvida por Freud em seu ensaio *Sobre as afasias*, de 1891, e retomada em *A interpretação dos sonhos*.

Sendo assim, ao menos teoricamente, as representações desse sistema teriam acesso à consciência, caso a atenção se dirija a elas. Isso seria contraditório, já que o processo de recalque é, inquestionavelmente inconsciente.

Essa é a opinião de Arlow e Brenner. Entretanto, Freud também atribui uma censura à fronteira entre os sistemas pré-consciente e consciência (Freud, 1900, pág. 605). Poder-se-ia pensar que os elementos barrados por essa censura seriam aqueles responsáveis pelo recalque e seriam diferenciados do sistema inconsciente por apresentar características distintas dele. No entanto, ainda assim Freud não oferece razões para sustentar essa opinião, pois os elementos barrados por essa segunda censura parecem ser de outra natureza: fantasias estruturadas tal como o sistema pré-consciente mas, inacessíveis à consciência, tal como parecem demonstrar a Freud alguns casos de histeria. (Freud, 1900, pág. 605-606)

Poder-se-ia ainda pensar que os elementos recalcoadores pertenceriam ao inconsciente. Segundo Arlow e Brenner, isso seria um contra-senso, pois, apesar do fato de o inconsciente abrigar representações inacessíveis à consciência, ele seria composto exclusivamente por representações recalcoadas – e portanto, obviamente, não recalcoadoras.

Entretanto, fica difícil sustentar que o de *A interpretação dos sonhos* seja formado exclusivamente por representações de desejo sexual recalcoadas, tal como querem esses autores, dado afirmações explícitas de Freud em outro sentido:

Um aparelho psíquico que possua somente o processo primário não existe, que saibamos e, nessa medida, é uma ficção teórica, mas isso é um fato: os processos primários estão dados desde o começo, enquanto que os secundários somente se constituem pouco a pouco no decurso da vida inibem os primários, os sobrepõem, e talvez somente na plena maturidade consigam submetê-los a seu total império. (*op. cit.*, p. 592)

Esse momento de clivagem do aparelho não é ainda denominado por Freud de “recalque primordial”, o que só ocorrerá em 1915. Assim, essas representações

primitivas não seriam recalçadas e também não seriam necessariamente de cunho sexual. Talvez elas pudessem, então, ser os agentes recalçadores.

Há, entretanto, uma objeção a essa hipótese: o recalque ocorreria, segundo Freud, em decorrência de representações tardiamente adquiridas, as quais entrariam em choque com as representações vigentes até então. Esse seria o momento de clivagem do aparelho, no qual as primeiras representações manter-se-iam inconscientes, enquanto que as últimas formariam o sistema pré-consciente. Sendo o mecanismo do recalque posto em ação quando do surgimento destas últimas representações, seria improvável pensar o agente recalçador estando mais próximo das representações do primeiro grupo que do segundo, já que pertencente a esse segundo sistema de representações a aquisição do asco e da educação, algumas das razões atribuídas por Freud à inibição do processo primário.

Pode-se pensar, por outro lado, que o recalque, tratando-se de uma defesa primitiva, estaria ligado ao funcionamento dessas representações primitivas e, portanto estaria também ligado ao primeiro grupo de representações. No entanto, em nenhum momento Freud permite entender que haveria esses elementos inconscientes responsáveis pelo recalque.

Em suma, como bem demonstra Monzani (2005), falta o lugar do agente recalçador, que às vezes parece estar ligado ao pré-consciente, mas é impossível ser identificado a esse sistema, na medida em que é um mecanismo obviamente inconsciente.

O aparelho de *A interpretação dos sonhos*, à medida que é composto por representações e apresenta uma linearidade, é um aparato teórico útil para se pensar os

processos psíquicos quanto sua relação com a memória. Não parecem estar presentes os pólos dos conflitos mas sim, o mecanismo destes. Parece que Freud dará mais ênfase à essa questão – tão imprescindível para Arlow e Brenner – algumas décadas mais tarde, quando for construir uma outra teoria do aparelho psíquico.

Deve-se atentar às preocupações imediatas de Freud no período da composição de *A interpretação dos sonhos* – os processos oníricos, ligados à memória – as quais deixam em segundo plano as formações patológicas e, portanto, os pólos do conflito, que voltarão a ser o foco de atenção dos textos de Freud alguns anos mais tarde, basicamente a partir da construção da teoria do narcisismo, em *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Isso não faz do aparelho composto em *A interpretação dos sonhos*, um instrumento descartável, tal como pensam Arlow e Brenner.

Entretanto, obviamente, se Freud discorre sobre conflito e sintoma nesse texto, é razoável procurar pelos pólos desse conflito e tentar localizar dentre eles, o responsável pelo recalque – assim surge o grande problema de *A interpretação dos sonhos*.

De fato o eu e a pulsão saem de cena do aparelho de *A interpretação dos sonhos* mas, devido à mudança de foco ou restrição deste, ocorrida em 1900 e não a uma defasagem da capacidade de ilustração de fatos mentais importantes – tal como pensam Arlow e Brenner.

CAPÍTULO III

A evolução do eu no aparelho neuropsíquico para o aparelho psíquico sob a perspectiva da teoria das pulsões

Este capítulo procura descrever a mudança da estrutura do aparelho de 1895 para o de 1900, sob o vértice do abandono da teoria da sedução e da conseqüente criação da teoria das pulsões, através da qual é possível, por outras vias, também identificar, um eu no aparelho de *A interpretação dos sonhos*. Ainda é possível analisar de que forma o abandono da teoria da sedução e a formulação de uma nova teoria contribuem para a mudança na configuração da teoria do funcionamento geral da mente, na passagem do *Projeto...* para *A Interpretação dos sonhos*.

N' *A interpretação dos sonhos*, o aparelho psíquico é construído para fundamentar a teoria sobre os sonhos, composta nos seis capítulos anteriores, cuja relação com a memória é mais estreita que com o eu. Talvez por esse motivo, Freud não tenha inserido o eu em seu aparelho de 1900. Entretanto, pode-se vislumbrar alguns traços do eu nesse aparelho, quando é abordado o conceito de o pré-consciente. No *Projeto...*, o aparelho neuropsíquico é construído, em parte, para fundamentar a teoria da sedução; é por esse motivo que o eu está presente no aparelho, pois ele é o agente que promove as defesas.

No *Projeto...*, o eu corresponde à totalidade dos investimentos de ψ , ou seja, é o resultado das vivências fundamentais – a vivência de satisfação e a de dor. Além disso, por uma necessidade biológica, ele interfere no curso das ocupações, de forma a transformar totalmente os processos primários em secundários, o que caracteriza o funcionamento mental normal, ou seja, depois do mediador (o eu) bem estabelecido, o aparelho passa a funcionar exclusivamente segundo o processo secundário. No *Projeto...*, Freud apresenta duas exceções ao domínio total do processo secundário: o sonho e a neurose. Neste último caso, como já foi dito, o eu promove uma defesa que resulta em uma compulsão histérica, a qual não pode ser identificada aos processos primários decorrentes das vivências essenciais. A neurose no *Projeto...*, também como foi dito, pressupõe a teoria da sedução, a qual é abandonada por Freud antes da redação de *A interpretação dos sonhos*, na carta 69, como será visto.

No interstício temporal entre o momento em que Freud escreve o *Projeto...* e o momento em que escreve *A interpretação dos sonhos*, Freud escreveu algumas cartas que podem ser vistas como ligação entre essas duas obras. Essas cartas foram endereçadas também a Fliess, para quem também foram endereçadas as cartas que compõem o *Projeto...*. Merecem menção para a evolução do aparelho do *Projeto...* para o aparelho de *A interpretação dos sonhos*, além das obras de mais peso já analisadas, as cartas 52 e 69.

Na carta 52, surge pela primeira vez o termo “pré-consciente” na obra freudiana. Ele o define como a última transcrição de memória, a qual é dotada de representações-palavra, o que faz com que as representações desse sistema possam se tornar conscientes. As características atribuídas a esse conceito na carta 52 são as mesmas atribuídas ao sistema pré-consciente de *A Interpretação dos sonhos*. Além disso, o ponto

alto da carta em relação ao tema proposto neste capítulo é a identificação feita por Freud do pré-consciente ao eu. Apesar de interessante, essa afirmação de Freud não é acompanhada de uma justificativa.

Uma justificativa para essa identificação encontrada na Carta 52, pode ser composta com base em um texto, de 1911, *Os dois princípios do funcionamento psíquico*. Nele, Freud articula a teoria formulada após o abandono da teoria da sedução – a teoria das pulsões, a qual embasa a nova idéia de sexualidade – com os dois funcionamentos básicos do aparelho: os processos primário e secundário.

A teoria da sedução, desenvolvida no *Projeto...*, é abandonada por Freud em 1897, na carta 69, em que ele diz ser impossível distinguir entre uma memória de um fato real de uma fantasia. Sendo assim, ele propõe a existência de fantasias derivadas de uma sexualidade infantil ativa, ao invés de um evento traumático ensejado por um adulto perverso. Dessa forma, Freud desenvolve a idéia de uma sexualidade mais plástica, cujo desenvolvimento começa desde a infância.

Essa nova teoria da sexualidade, por sua vez, deve ser embasada pela teoria das pulsões freudiana. A teoria das pulsões, bem como a nova idéia de sexualidade composta no lugar da teoria da sedução, começam a ser formalmente construídas em 1905, com a publicação dos *Três ensaios sobre sexualidade*. Apesar de estas teorias serem concebidas formalmente somente cinco anos depois de *A interpretação dos sonhos*, pode-se dizer que elas já se encontram nas entrelinhas desse texto. É por esse motivo que é possível identificá-las no funcionamento do aparelho psíquico de 1900.

Os *Três ensaios sobre sexualidade* têm como objetivo a apresentação de uma nova teoria sobre a sexualidade, condizente com a nova psicopatologia freudiana. Para

tanto, houve a criação de um novo conceito, o de pulsão, o qual deve substituir a idéia de instinto, inadequada à nova teoria freudiana da sexualidade.

A teoria das pulsões, que começa a ser desenvolvida nos *Três ensaios*, é imprescindível para a compreensão da evolução do aparelho psíquico. Freud define o conceito de pulsão como o limite entre o psíquico e o somático, diferenciando-o do instinto dos animais, que por sua vez, possui formato fixo. O termo *Trieb*, usado por Freud em alemão e traduzido em português por “pulsão”, tem o significado de impulso; a ênfase é colocada em uma orientação geral e não na finalidade (Laplanche e Pontalis, 1999).

A hipótese mais óbvia e simples acerca da natureza das pulsões seria essa: em si não possui qualidade alguma, devendo-se considerá-la somente como uma medida de exigência de trabalho para a vida anímica. (Freud, [1905] 1989, p. 153).

A sexualidade é derivada da pulsão e, dessa forma é instituído um conceito de sexualidade mais abrangente, que não se restringe à reprodução. Freud usa como argumento para embasar tal tese, o fato de que as perversões – como o fetichismo e a homossexualidade – são consideradas por todos como atos sexuais e, no entanto, nem sempre podem levar à reprodução. Com o conceito de pulsão, que amplia os limites da sexualidade, vem atrelada a idéia de que esta é desenvolvida desde a infância, não sendo repentinamente a florada na puberdade, na qual a sexualidade conteria uma forma fixada biologicamente: a reprodução.

A pulsão é comum a todos e é o fator que permite explicar e nivelar a sexualidade comum e a perversa. Freud amplia os limites da perversão às pessoas normais

buscando as raízes da sexualidade adulta na infância, na qual a pulsão não está restrita a nenhuma forma de sexualidade específica.

Esse desenvolvimento da sexualidade desde a infância é possível de ser pensado por meio das noções de “pulsão parcial” e “zona erógena”. As zonas erógenas se referem a partes do corpo passíveis de serem excitadas, e as pulsões parciais são as pulsões geradas em torno das partes do corpo. Qualquer parte do corpo pode funcionar como uma zona erógena, o que faz com que caia por terra a idéia de que a sexualidade é exclusivamente genital. Sendo assim, tem-se uma única explicação da gênese da sexualidade que inclua tanto a sexualidade considerada normal quanto a perversa.

Com os conceitos de pulsão parcial e zona erógena, Freud conclui que existe uma base inata, comum a todos os homens, partir da qual poderá ser desenvolvida uma perversão ou uma conformação sexual considerada normal. O recém-nascido traria consigo o germe da sexualidade, a pulsão, que se desenvolve por meio das zonas erógenas, até sofrer uma progressiva restrição através do asco, da vergonha, das exigências da estética e da moral para se chegar à sexualidade adulta.

A pulsão sexual surge conforme há estimulação das zonas erógenas. A criança, ao sentir fome, suga o seio e sente prazer, não só pela fome saciada, mas também pela estimulação dos lábios, que se comportam como uma zona erógena. Dessa forma, a sexualidade tem início no momento em que a necessidade de obter prazer é desvinculada da satisfação pela saciação da fome. Nesse momento, é possível distinguir dois tipos de

pulsão: a pulsão de auto-conservação (ou pulsão do eu)¹² e as pulsões sexuais. A primeira representa as necessidades vitais (fome, respiração etc.) e é derivada da vivência de satisfação e como tal, exige formas específicas de saciação; já o outro grupo de pulsões, as pulsões sexuais, nasce da estimulação das zonas erógenas ligadas às necessidades vitais, ou seja, ela nasce apoiada na pulsão de auto-conservação, mas depois se torna independente dela, quando a criança descobre outras zonas erógenas. As pulsões sexuais diferem-se, essencialmente, da pulsão de auto-conservação por não exigirem formas específicas de satisfação.

Quando a pulsão sexual desvincula-se da pulsão de auto-conservação, sua satisfação também se torna independente de uma ação externa. Quando isso ocorre, a criança tem a possibilidade de satisfazer sua sexualidade sozinha, ou seja, através da auto-estimulação. Sendo assim, a sexualidade infantil caracteriza-se por ser auto-erótica, ou seja, por não estar dirigida a nenhuma outra pessoa, que não a própria criança.

Somente na puberdade, a sexualidade passa a se vincular a uma outra pessoa. Agora, as pulsões parciais, que na infância eram independentes entre si, não havendo primazia de uma das zonas erógenas em relação às outras, convergem em torno de uma zona erógena. No caso de indivíduos normais, as pulsões convergem em torno dos genitais e no caso dos perversos, as pulsões podem convergir-se a qualquer outra zona erógena. Essa convergência das pulsões vem acompanhada da escolha de um objeto. A

¹² Denominada como tal em 1910, no texto *Conceito psicanalítico das perturbações psicogênicas da visão*. Pode-se dizer que se trata do mesmo conceito já que em ambos os textos, esse grupo de pulsão é identificado aos representantes das necessidades vitais.

escolha de objeto, somada à maturação fisiológica, permite à pulsão sexual voltar-se, agora, à função de reprodução (no caso do indivíduo heterossexual).

No início, os dois grupos de pulsão não se distinguem; somente trazem consigo a exigência de trabalho do aparelho para que sejam satisfeitos. Somente após a satisfação de cada um dos tipos de pulsão é possível distingui-los.

Essas diferentes formas de satisfação, por sua vez, estruturam dois modos de circulação de energia no aparelho: o processo primário e secundário. A pulsão de auto-conservação, devido à urgência de satisfação que traz consigo aliada à necessidade de um objeto externo para ser satisfeita, leva o organismo a instaurar um processo no qual é abandonado o prazer imediato, a alucinação, para obter um prazer tardio, mas que assegure a sobrevivência – o processo secundário.

A substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade (...) na não se cumpre de uma só vez e simultaneamente em toda a linha. Pois, ainda que esse desenvolvimento se cumpra nas pulsões do eu, as pulsões sexuais se desfazem dele de maneira muito substantiva. (Freud, [1911] 1989, p. 227)

Já as pulsões sexuais, por não dependerem de um objeto externo para serem satisfeitas, pois podem ser satisfeitas de forma imediata através do auto-erotismo, não necessitam postergar o prazer e nem trazem consigo a responsabilidade de manter o organismo vivo. Sendo assim, estas últimas podem continuar funcionando no aparelho segundo o princípio do prazer, que caracteriza o processo primário:

As pulsões sexuais se comportam primeiro de forma auto-erótica, encontram satisfação no próprio corpo; daí não chegam a situação de frustração, que obrigou a instituição do

princípio de realidade. E quando mais tarde começa para elas o processo de escolha de objeto, esse processo logo experimenta uma interrupção prolongada por obra do período de latência, que posterga até a puberdade o desenvolvimento sexual. Esses dois fatores – auto-erotismo e período de latência – têm por conseqüência que a pulsão sexual fique suspensa em sua modelação psíquica e permaneça mais tempo sob o império do princípio do prazer, do qual em muitas pessoas, jamais pode subtrair-se. (*op. cit.* P. 227)

Já a pulsão de auto-conservação, que deve voltar-se para o mundo externo para obter satisfação, deve adequar-se ao princípio de realidade, o que caracteriza um funcionamento do processo secundário no aparelho.

Apesar disso, a maleabilidade é preservada como característica de ambos os grupos pulsionais, ou seja, o modo de satisfação das pulsões continuaria sendo adquirido na experiência. Entretanto, ainda assim, pode-se dizer que as pulsões sexuais são bem mais maleáveis que a de auto-conservação, pois esta, inevitavelmente, necessita de algo externo para ser saciada, enquanto que as pulsões sexuais, mesmo na fase adulta, quando estão mais estruturadas, ainda assim podem ser satisfeitas de forma auto-erótica, o que faz com que possam continuar funcionando, indeterminadamente, segundo o processo primário.

As pulsões sexuais podem circular no aparelho de forma mais livre e, nesse sentido, não ocupam um lugar específico nele: elas podem continuar funcionando segundo o processo primário ou passarem a funcionar segundo o processo secundário, ao adequar-se à realidade, como quando chegam à fase adulta com uma escolha de objeto externo. Nesse sentido, as pulsões sexuais podem ser localizadas no aparelho de *A interpretação dos sonhos* tanto no sistema inconsciente, no caso de se manterem no processo primário, quanto no pré-consciente, no caso de se adequarem à realidade.

Já a pulsão de auto-conservação (pulsão do eu) deve ocupar o lugar no aparelho de *A interpretação dos sonhos* onde está representado o processo secundário – no caso o sistema pré-consciente, ou seja, esse grupo pulsional deve ser totalmente vertido para o funcionamento secundário.

A pulsão de auto-conservação, que também é chamada por Freud de pulsão do eu, caracteriza-se por representar as necessidades vitais e impelir o organismo à saciá-las, de forma a mantê-lo vivo. Devido à essa função primordial, ela leva o aparelho a voltar-se ao mundo externo e instaurar o processo secundário. Da mesma forma, o eu do *Projeto...* tinha como objetivo transformar os processos primários em secundários devido à urgência presente na vivência de satisfação, cujo protótipo é a fome – uma das grandes necessidades vitais.

Na medida em que no *Projeto...*, a estruturação do aparelho é dada somente pela vivência de satisfação, que corresponderia à pulsão de auto-conservação, uma vez instituído o processo secundário, ele deve tomar todo o aparelho; ao contrário do que ocorre com o aparelho psíquico de 1900, em que há, além da pulsão de auto-conservação, as pulsões sexuais, há também a conversão em um processo secundário somente parte da energia corrente no aparelho – aquela referente à pulsão de auto-conservação.

Assim como no *Projeto...* o eu era responsável pela preservação do organismo, na medida em que garantia a satisfação das necessidades vitais com a instauração do processo secundário, a pulsão de auto-conservação é também chamada por Freud de pulsões do eu, já que ele ainda mantém essa função.

Como foi mostrado acima, que a pulsão de auto-conservação, ou pulsão do eu, estrutura o sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos* e, na medida em

que há uma correspondência desse grupo pulsional com o eu do *Projeto...*, pode-se dizer, que há uma correspondência entre o eu do *Projeto...* e o sistema pré-consciente de *A interpretação dos sonhos*.

* * *

Apesar de toda a rica especulação acerca dos mecanismos psíquicos desenvolvida no *Projeto...*, sabe-se que esse texto é, na realidade, um rascunho não publicado por Freud. Entretanto, ele contém a gênese de grande parte da metapsicologia freudiana desenvolvida mais tarde, incluindo a teoria do aparelho psíquico, como não poderia deixar de ser, já que ela representa o cerne de todas essas reflexões. Poucos anos mais tarde, em 1900, Freud já retoma, no aparelho psíquico de *A interpretação dos sonhos*, grande parte da reflexão esboçada no aparelho neuronal do *Projeto...*

Percebe-se no texto do *Projeto...* uma grande gama de temas tratados, alguns dos quais com uma elucidação que nunca mais se repetirá na obra freudiana, todos conjugados de forma muito condensada, o que contrasta com seu estilo posterior de desvelar sistematicamente ao leitor todo o seu raciocínio. Esse tratamento individual, por outro lado, é devidamente concedido por Freud à maioria desses temas ao longo de seus próximos 44 anos de dedicação à psicanálise.

O esquema do funcionamento geral da mente nunca mais será inserido em uma estrutura marcadamente fundada na neurologia, tal como ocorreu no *Projeto...*. O arcabouço teórico de Freud, calcado na neurologia, formara um dos alicerces para a construção do aparelho do *Projeto...*. O outro fora construído com base nas experiências

clínicas e talvez estas se tenham mostrado bem mais ricas para que Freud pudesse ter continuado construindo sua psicologia, o que fará que seus modelos, a partir de então, sigam apenas a lógica das estruturas mentais e mostrem sua base neurológica apenas nas suas entrelinhas, o que não significa um abandono por parte de Freud de suas concepções neurológicas.

Parte dessas constatações clínicas, que apesar de serem fundamentadas somente alguns anos depois da redação de *A interpretação dos sonhos* – como a sexualidade infantil e a teoria das pulsões prescrita por essa sexualidade –, já se encontram presentes nas entrelinhas desse texto, sendo condizentes com a estrutura assumida pelo aparelho psíquico composto nessa obra.

A partir disso, pode-se inferir que o eu está presente tanto no sistema ψ de 1895, como no sistema pré-consciente de 1900, de modo que os aparelhos construídos nos dois textos teóricos postos em comparação neste trabalho, possuem uma correspondência. Assim, ao contrário do que defendem muitos teóricos, pode-se afirmar que, na verdade, o aparelho psíquico do *Projeto...* já traz os fundamentos do aparelho desenvolvido em *A interpretação dos sonhos*, de modo que a leitura de um pode ajudar na compreensão do outro.

Bibliografía

1. Bibliografía básica escrita por Sigmund Freud

Projeto para uma psicologia. In: GABBI Jr., Osmyr Faria. Notas a Projeto de uma psicologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003. ([1895]1950)

FREUD, Sigmund. *La afasia*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973. (1891)

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

_____ *Carta 39*. ([1896]1950)

_____ *Carta 52*. ([1896]1950)

_____ *Carta 69*. ([1897]1950)

_____ *La interpretación de los sueños*. (1900)

_____ *Tre ensayos de teoría sexual*. (1905)

_____ *Concepto psicoanalítico de las perturbaciones psicógenas de la visión* (1910)

_____ *Los dos principios del suceder psíquico*. (1911)

_____ *Introducción del narcisismo*. (1914)

_____ *Além do princípio do prazer*. (1920)

2 Obras consultadas

ARLOW, Jacob & BRENNER, Charles. *Conceitos psicanalíticos e a teoria estrutural*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

- BIRMAN, J. *Freud e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BRABANT, G. *Chaves da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- CAROPRESO, Fátima Siqueira. Pensamento, linguagem e consciência nos textos iniciais de Freud. *In: Paidéia: cadernos de psicologia e educação*, v. 11, n. 20, p. 29-38, Ribeirão Preto, jan-jun de 2001.
- CAROPRESO, Fátima Siqueira. A elaboração da concepção sistemática do inconsciente na primeira tópica freudiana. *In: Fragmentos de cultura*, v. 15, n.6, p. 997-1013, Goiânia, jun. 2005.
- GABBI Jr., Osmyr Faria. *Notas a Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro, Zahar: 1988.
- GARCIA-ROZA, L.A. *Introdução à metapsicologia freudiana I: sobre as afasias e o projeto de 1895*. Rio de Janeiro, Zahar: 1991.
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LAPLANCHE, Jean. *A teoria da sedução generalizada e outros ensaios*. Porto alegre: artes médicas, 1988.
- LAPLANCHE, Jean, & PONTALIS, Jean-Bernard. *Vocabulário da psicanálise*. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LIMONGE, Maria Isabel de M. P. *A pulsão e seu conceito na metapsicologia freudiana*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade de São Paulo. São Paulo, 1994.
- MONZANI, Luiz Roberto. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: editora da Unicamp, 1989.
- MONZANI, Luiz Roberto. As tópicas freudianas. *In: FULGENCIO, Leopoldo & PORCHAT, Patrícia. Freud e o teste de realidade*. São Paulo: casa do psicólogo, 2005.
- SIMANKE, Richard Theisein (org.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

SIMANKE, Richard Theisein. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

SIMANKE, Richard Theisein. O cérebro, a percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. *In: Discurso*. Revista do departamento de filosofia da USP, n. 36 [S.1.: s. n.], 2004. (no prelo, publicação prevista para 2o semestre de 2005).

SOLOMON, Robert C. *A teoria neurológica da mente em Freud*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)